Redacção, Administração e Tipografia
CALÇADA DO COMBRO, 38-A, 2.º andar
LISBOA—PORTUGAL
TELEFONE 539 TRINDADE
Oficinas de Impressão e Esteriotipia
RUA DA ATALAIA, 114 e 116
Este jornal não se publica às segundas-feiras—Não se devolvem os originais—Dos artigos publicados são responsáveis os seus autores.

A BATALHA

DEP. LEG.
Director: JOSÉ S. SANTOS ARRANHA
Editor: CARLOS MARIA COELHO
Propriedade da CONFEDERAÇÃO GERAL DO TRABALHO
Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores
Assinatura: *Incluindo o suplemento semanal, Lisboa, mês 9$50; Provincia, 3 meses 28$50; Africa Portuguesa, 6 meses 66$00; Estrangeiro, 6 meses 102$00*
PAGAMENTO ADIANTADO

PREÇO 30 CENTAVOS—ANO VIII—N.º 2343 | DIÁRIO DA MANHÃ | PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA | QUINTA FEIRA, 22 DE JULHO DE 1926

A CRISE EM FRANÇA

O capitalismo provoca o agravamento da situação económica do povo

Uma tremenda convulsão ameaça perigosamente a república burguesa e capitalista de França. Conseqüência desastrosa de uma política de imperialismo, nascida da urgente necessidade de a economia francesa e o interêsse do capitalismo se restabelecerem do que a França perdeu na guerra, para sempre, a-pesar da sua ocasional vitória. Essa política teria de ser feita à custa dos estados havidos como vencidos, mais por tratados do que por sorte bélica.

O capitalismo nada perderá na actual convulsão que desagrega a França; a sua feição internacional, cosmopolita, não lhe dará outra atitude que a de uma firma despeitada por se ter falhado um negócio; em breve, hoje mesmo, talvez, nós saberemos, sem surpresa, que as fortunas dos maiores capitalistas se acham recatadas no estrangeiro, na própria Inglaterra, causa próxima da derrocada que ora se observa.

Apenas a economia do povo, da comunidade que tudo produz, ficará em ruínas. O trabalho vai faltar porque a incompetência do capitalismo na administração social vai falir todas as indústrias; o custo da vida agravar-se há, lançando a multidão no desespêro e na revolta.

O abalo já se vinha sentindo há longo tempo, quási sem intermitências. Para manter a nação em guerra, o capitalismo empenhou a nação. Surgiram, na paz seqüente, formidáveis encargos financeiros impossíveis de saldar.

A anexação de Alsácia-Lorena, duas provincias de índole germânica que o baixo patriotismo considerou irredentas, a posse arbitrária das minas e das indústrias do Sarre, o desenvolvimento forçado da indústria francesa, não puderam cobrir os encargos advindos das dividas de guerra, da reconstrução de cidades.

As dificuldades da vida atribulavam as classes trabalhadoras, a-pesar-da sua indiferença pela sorte da nação e do estado, ao mesmo tempo que o capitalismo aumentava desmesuradamente os seus lucros na exploração do monopólio das regiões devastadas, do previlégio das sociedades anónimas, dos vastos «trusts», das especulações financeiras. Os males da patria, que êles obrigam a servir, as queixas do povo, único a ter razão nesta hora de catástrofe—são coisas de que o capitalista não cuida, porquanto não dão lucro nem oferecem especulação.

O interêsse colectivo só merecia o desprêso do capitalismo. E' assim que a fundação da grande indústria provocou o exodo dos camponeses para as cidades, desfalcando as necessidades de consumo pela maior improdutividade agrícola. Como não podia ser doutro modo, visto que os governos apenas servem o interêsse capitalista, sucessivas emissões fiduciárias eram autorizadas a-fim-de se favorecer a exploração industrial, assim agravando o custo da vida, depreciando os salários e elevando o preço dos generos.

O govêrno do sr. Herriot em terra

PARIS, 21.—Na apresentação do govêrno, esta tarde, na Câmara, o ministro das finanças deu explicações àcêrca dos seus projectos financeiros, falando seguir o sr. Herriot. Posta a questão de confiança, a Câmara regeitou por 290 contra 237 votos.—H.

A demissão do govêrno

PARIS, 21.—O govêrno apresentou a sua demissão às 22,30 horas.—(H.)

A rivalidade anglo-russo

LONDRES, 21.—O sr. Chamberlain declarou hoje na câmara dos comuns que os subditos britânicos residentes em Vladivostock, Murmansk e Archangel, têm formulado vários protestos contra as prisões efectuadas pelas autoridades soviéticas, sempre que fôrças navais ou militares britânicas desembarcam naquelas cidades. O ministro dos estrangeiros afirmou que o govêrno inglês está firmemente disposto a apoiar aqueles protestos quando se tratar da regulamentação de várias questões, cujas negociações estão sendo entaboladas com o govêrno dos sóvietes.—(L.)

Prisões misteriosas

Encontram-se presos e incomunicáveis, parece que no posto do Teatro Nacional, os seguintes indivíduos:

Mário Henriques Coelho, António Gonçalves, João Marques, António Soares, José Augusto da Costa, João Rodrigues da Silva, Guilherme Seabra, Inácio dos Santos Quintino, Manuel Leal, Leonel da Cruz, Carlos Campos, Manuel Bento Júnior, Júlio Carlos, Eduardo António Alves, José Sousa Dias.

Estes indivíduos segundo nos informam na sua maioria não teem cadastro e ignoram o motivo da sua detenção e incomunicabilidade.

Porque se efectuaram estas prisões? A que motivo obedecem?

UM CASO REPUGNANTE

Um "piedoso" missionário acompanhado de infames sicários rapta em Africa duas crianças violando um lar

Todos os dias aparecem factos que confirmam a nossa formidável campanha contra a seita católica. Este a que damos hoje guarida é tão repugnante, tão revoltante que a pena se enoja a comentá-lo.

Limitamo-nos a transcrevê-lo do *Comércio*, de Benguela, jornal insuspeito, onde apareceu à luz da publicidade.

Chamamos a atenção dos nossos leitores para os factos que abaixo se relatam. E se eles não formarem um anti-clerical em cada leitor, pronto a combater essa seita de malvados a quem foi permitido agora o ensino das suas doutrinas nas escolas, é porque os leitores são de pedra e não têm coração.

... Sr. redactor do jornal *O Comércio*—Benguela.

No dia 12 do corrente, em Catabola de Chicuma, C. Ç. de Caconda, praticou-se um crime horripilante, que explicação alguma do seu perpetrador poderá justificar.

Por volta das 16 horas, dirigiram-se para minha casa, sita em Catabola de Chicuma, o padre Domingos Vieira Baião, Adriano Lourenço Maia, sua mulher Amélia Brandão Maia, L. da C. Andrade, Manuel Martins Cabeço e Acácio Neves.

Note-se que eu estava ausente, a 70 quilómetros de distância, e tinha deixado como único guarda da minha casa a minha companheira, rapariga indefesa e mãe de três filhos meus, um de 5, outro de 4 e outro de 1 ano de idade.

Dirigiu-se, pois, aquele bando, capitaneado pelo padre, para minha casa, por volta das 16 horas, e ali permaneceu até à noite.

Que negócios tão urgentes ou assuntos tão importantes levariam aquela malta a permanecer, pelo menos duas longas horas, em minha casa, onde apenas encontraram uma mulher indefesa com três criancinhas?

Já depois do sol pôsto, o padre Vieira, dirigindo-se à mãe dos meus filhos, disse-lhe:—Visto que o padre Nunes não está, eu vou levar os filhos dele.—«O senhor não pode levar as crianças, respondeu-lhe a mulher indefesa, sem me apresentar por escrito, a autorização do pai.—»

—Não só levo estas crianças, retorquiu o padre Vieira, mostrando as duas maiorsinhas, como também essa que tens ao peito, e levo-te também a ti.—«Eu não posso ir, porque não posso abandonar a casa alheia, confiada à minha guarda, pelo pai de meus filhos.—» Pois embora tu não vás, retorquiu o maligno Vieira, os filhos levo-os.—E, sem mais atender aos protestos aflitivos da pobre mãe já em lágrimas, o abutre arrebata-lhe os dois filhinhos, já desfeitos em lágrimas com mêdo, e põe-os aos ombros de dois serventes meus que ali estavam, e manda marchar lá para cima, em direcção à camionete de Nascimento Pires, Limitada, do Longojo, já preparada para o rapto, e que esperava na estrada, a 15 minutos de minha casa.

Já muito depois do sol pôsto, saiu de minha casa o cortejo fúnebre; à frente, sôbre os ombros de dois serventes meus, impelidos à fôrça, duas inocentes criancinhas, meus filhinhos, uma menina de 4 anos e um menino de 5, derretendo-se em lágrimas e desfazendo-se em gritos aflitivos, por se verem tão cruelmente arrebatados a sua mãe; a seguir, marcha o capitão de bandidos, o Padre Vieira, o cruel raptador de meus filhinhos, e atraz dêle, os atrevidos sicários que o acompanharam em tão negregada acção!...; por fim, fechando o préstito fúnebre, lá segue a mãe debulhada em lágrimas, chamando ainda para que lhe restituam seus filhos, mas debalde, porque ao longe, na espêssa sombra da noite, apenas sente o rosnar da fera cruel que lhe arrebatou os inocentes filhos, e que a toda velocidade se afasta lá para os lados do Salundo...

Sr. redactor, à face da Sociedade Portuguesa, à face da Humanidade inteira, à face da Justiça, protectora de inocentinhos, e em nome dos sentimentos paternais e maternais mais santos e puros, eu venho protestar altamente contra tão negregado crime, praticado pelo infame celerado, que outro nome não merece o jesuita Domingos Vieira!...

Estou em Angola há 13 anos, e nunca ouvi que, até nossos dias, se praticasse um crime semelhante! Sabe, sr. Redactor, que justiça neste momento, o meu coração de pai ferido por tão rude golpe, aplicaria ao nefasto jesuita?

Fá-lo-hia responder a um processo sumário e, imediatamente, suspenso dum mastro no largo público, para que todos os que fôssem passando, lhe escarrasem no cadáver o nojo profundo que lhes causa a notícia de tão arrojado crime, por êsse monstro praticado!...

Sr. Redactor, cumpre prevenir as nossas autoridades de que necessário é exercerem a máxima vigilância sôbre as acções praticadas por êsses missionários, que o Tesouro Público tão generosamente subsidia.

Pelo que acima acabo de expôr, o padre Domingos Vieira Baião, creio que superior da missão do Quando-Huambo, abusou da minha casa (estava eu então a 70 quilómetros, em Caconda, doente de cama) demorando-se nela desde as 16 horas até depois do sol pôsto, acompanhado dos seus sicários; abusou da minha companheira indefesa arrebatando-lhe cruelmente e à fôrça, dentro de minha casa dois filhinhos, depois do sol pôsto, cometendo por conseguinte, o crime de rapto de criancinhas, de noite, dentro da casa dum cidadão, estando êste ausente e encontrando-se apenas nessa casa a mãe das criancinhas, uma rapariga indefesa.

No dia 25 de Abril cometeram aqui, em Caconda, os padres e irmãos da missão, um outro crime, senão tão cruel como o que acima expuz, ao menos tão repugnante! Por meio de conselhos, mil instâncias e correctores vários, induziram a companheira dum cidadão, que estava com êle há 12 anos e é mãe de seus filhos, induziram-na a abandonar o seu homem e seus filhos, para ir à missão, e uma vez que lá a apanharam não mais a deixaram regressar a sua casa, detendo-a fechada na missão das Irmãs, debaixo de vigilância rigorosa e incomunicável com o pai de seus filhos! Prova-se isto que escrevo por um bilhete que a detida escreveu ao seu homem pedindo-lhe que a fôsse libertar da prisão em que estava.

Sr. redactor, êstes factos fazem lembrar os numerosos feitos dos jesuítas na Europa; aqueles corvos negros, por exemplo, a intrometerem-se na vida das famílias, para aí semearem a discórdia, envenenando, com insinuações, as mulheres contra seus maridos, os maridos contra suas mulheres, os pais contra os filhos e os filhos contra os pais, conseguindo, às vezes, desviar grandes heranças dos legitimos herdeiros em benefício dêles proprios.

Francisco NUNES DA SILVA

CARTA DO PORTO

A história de uma Inocência que abusou da inocência de muita gente

PORTO, 20.—O dia de hoje foi em cheio para o divertimento popular. De quando em vez, aparece sempre qualquer coisa de interessante e cómico para nos desopilar o fígado, bastante saturado pelas desilusões políticas do militarismo em cheque...

O nosso público implacável teve ensejo de desenferrujar a língua à vontade, dando vôos largos aos seus juízos, aos seus conceitos, às suas sentenças de crítica plebeia, mas muitas vezes sincera e acertada. O caso que deu substancial alimento a tramela impiedosa do vulgo, fundamenta-se numa engraçada vigarice que empanou o brilho surripiante das célebres séries recuperáveis...

Houve agora coisa melhor, «idealização inédita» bem mais lançada a público, «idealização» que, pelos seus excelentes resultados, foi originalmente comentadíssima em todas as casas, em todas as ilhas, em todas as ruas, em todos os cafés e, até, em todas as esquadras de polícia. Porque *esta*, só de cabo de esquadra... Principiemos o fio à meada:

Lá para a rua do Bomjardim, aí pelas alturas da Fontinha, habitava uma sr.ª que tem o nome catita de Inocência Rosa da Silva—como vêem, um nome próprio para figurar nesta ligeira novela sôbre um dos mil—e—um precalços da presente vida social-económica prenhe de entrugices, em tons maiores e menores...

A sr.ª Inocência, muito «inocentemente» congeminou o meio de se milionarizar, moral, aliás, que está abrangida pela fisiologia educacional, exemplar, do sistema da exploração do homem pelo homem imperante. E' verdade que nesta história trata-se menos daquilo e mais da exploração do homem pela mulher, na impossibilidade daquele, como pretendia, poder explorar esta...

Como a Inocência é casada com um tal Genésio dos Santos Miranda Montenegro, ela, para conseguir o seu futuro côr de *rosa* e todo escardeado de *silvas* macerantes, traçou logo nas páginas da sua bíblia endròminadora a *génesis* da sua criação de arrepanhaduras...

Começou por emprestar dinheiro a juros e, depois de se insinuar bem na clientela e de ter feito uma incansável propaganda dos seus teres e haveres, inverteu os papeis, quer dizer: converteu a sua casa numa... verdadeira casa de banco, a qual, por cada 1.000 escudos que lá fôssem depositar, concedia um prémio de 100$00 de juros mensais, ou sejam 1.200$00 por ano...

O negócio era tentador. A Inocência, fiando-se bem afincadamente na inocência dos depositantes bestializados, ia-se fazendo rogada. O exôdo dos lorpas foi aumentando, a tal ponto, que até já havia quem desse prendas à Inocência para que aceitasse depósitos só com esta garantia: um simples recibo...

Quem acorreu, pressuroso, à *casa bancária* da Inocência não tratou de indagar como é que ela podia conseguir dar 100$00 de rendimentos mensais por cada mil escudos. Houve, positivamente, quem achou êsses juros uma coisa demasiada, quási impossível, sem precedentes em qualquer das casas mais fortes do mundo...

Fôsse como fôsse: ela, generosamente, oferecia tão grandiosas vantagens, não era de perder. Que o roubasse ou que o perdesse de qualquer fortuna colossal que ela legítimamente possuísse, pouca importava. O essencial era que todos os meses, tim-tim-por-tim-tim escarrasse aqueles ricos, ideais, chorudos 100$00 por cada 1.000$00. O resto lérias. A sociedade não está baseada no egoísmo, na ganância, na entrugice, na vigarice mútua? Ora pois...

A Inocência, foi, portanto, acumulando centenas de contos. Do capital de uns, foi pagando os juros de outros... e emprestando a outros ainda... Até que, atingindo as *rosas* da sua felicidade antevista e construída à custa dos parvos, desapareceu... «meteu esporas ao cavalo»... e fugiu para sítio onde ela só, até hoje, conhece—levando, depois de atirar à cara dos endrominados com as aspérrimas *silvas* da sua habilidade «elegantemente» femenina, uma boa soma de centena de contas...

E agora o marido Genésio, vendo que a *génesis* de tôda esta trapalhada modelarmente vigarizante rendeu muito mais que os seus negócios de serração e de telha... portuguesa; vendo que o escândalo, em vez de trazer a alvura dos Montes Claros, veiu trazer a tantos corações alanceados, a escuridão dos montenegros da aflição; vendo que a esposa se esgueirou, quiçá depois de lhe indicar o estratagema que agora tem de descalçar—lembrou-se de a denunciar à polícia, segundo uns, a sério, segundo outros, para inglês ver e safar-se da conivência que pudesse ter com o interessantíssimo embróglio...

Isso pouco nos importa; o que nos importa é saber que na esparrela caíram muitos dos nossos argutos polícias, chefes, cabos e simples agentes, que também foram depositar na *caixa* da Inocência alguns contos de réis: o agente da Polícia Administrativa, Artur Cardoso, caíu com 15.000$00. ¡Pudera! Eram, nada mais nada menos, do que um rendimento de 1.500$00 por mês por aqueles 15.000$00. Em dez meses tinha outros 15.000$00... Ele era barro...

Ora o mais engraçado de tôda esta comédia burlesca foi justamente a entrada da polícia em scena—ela que tinha obrigação de saber que a *Inocência* não poderia, mesmo debaixo de tôda a sua reconhecida *inocência*, fazer milagres de tal quilate. Ela, que—dizem—foi instituída para, entre outras coisas, evitar as vigarices de todos os feitios, devia logo entender que se tratava de grosso vigário...

Não lhe fazemos a injustiça de que não lhe conhecesse os propósitos. Mas o que ela, como os depositantes civis, quiz, foi, aproveitando-se da *inocência*... da sr.ª Inocência, vigarizá-la por sua vez. E para isso houve guardas que venderam algumas propriedadesinhas que tinham na terra, para o produto ser depositado nas mãos da *ban-*

Em volta dum incidente

Com pedido de publicação recebemos a seguinte carta:

Caros camaradas Ferreira de Castro, Jaime Brasil, Pinto Quartin e Eduardo Frias:—Com profunda mágua li a vossa declaração publicada em *A Batalha* de ontem. E deixai que vos diga que embora de acôrdo com o que expondes, não o estou quanto à resolução por vós tomada. E' evidente que, desde que a vossa profissão é escrever, dela tereis que tirar os indispensáveis meios de subsistência. E a vossa qualidade de idealistas não supre só por si as necessidades da vida. Logo, a vossa produção deve ser paga, quer seja para A, quer seja para B. Porquê portanto a insultuosa insinuação? A esta pergunta ficaremos todos sem resposta. Mas, em meu critério, afigura-se-me que com a vossa resolução, ides dar ensejo a que as linguas viperinas digam que não procedestes por coerência, mas sim porque vos quebraram o *tacho*. Mas o que mais me interessa quanto à vossa resolução, são as conseqüências desastrosas do vosso gesto. A'manhã outros camaradas, igualmente atingidos, retirar-se hão também e não virá longe o dia em que olhemos uns para os outros, ou melhor, os poucos que ficarem—que tiverem êsse cúmulo de coragem—olharão para as paredes, para as mesas vazias, e suplicarão inutilmente às canetas que cumpram a sua missão. Ah! Já sei o que me ides responder: Ficam os que agora insinuam. Pois aqui é que está o *nó gordio*. Não será então preferivel ficarem todos nos seus postos, e se isso se torna necessário, expulsar os «maus pastores»? Podeis alegar que não vos retirais da liça; mas é no campo em que tendes pelejado que a vossa cooperação se torna indispensável. E' nos órgãos operários que a vossa acção deve ser empregada, pois que noutros lados ela passará despercebida a quem mais ela interessa—ao operariado.

Não vejais nesta uma súplica ou coisa semelhante. O meu fito é provar-vos que ainda nesta sociedade, ainda no meio que tendes vivido, há homens livres e tolerantes. E, posso garantir-vos—desnecessário será—que comigo pensam inúmeros camaradas. E como assim é, permito-me apelar para vós e para os que pensem proceder de igual modo, que não é com a nossa retirada que combatemos o espírito liberticida e intolerante que se vem verificando.

Vosso e da causa

Manuel NUNES
Operário do mobiliário

Os desaires da aviação

PISA, 21.—Quando ontem se procedia a vôos de experiência do novo aparelho destinado à grande viagem inter-continental do comandante De Pinedo, o avião caíu ao mar, afundando-se. O aviador De Pinedo e os três oficiais que o acompanhavam ficaram ligeiramente feridos. O aparelho é hoje retirado do fundo do mar, e De Pinedo telegrafou ao ministro da aeronáutica comunicando-lhe que o acidente não causará a desistência da viagem.

NOTAS & COMENTARIOS

O valor da modéstia

O nosso correspondente em Alcobaça enviou-nos, no final da sua correspondência a seguinte nota particular que nós entendemos tornar pública:

«Agradeço, como sempre, as emendas às minhas gafes. Mas creiam que não sou culpado. Nunca entrei numa escola; nunca tive professores. Não sei por onde se começa nem por onde se acaba...

O pouco que sei, devo-o ao meu esfôrço!...

Meu pai era ferroviário, activo e inteligente, mas ambicionava que eu um dia fôsse ministro e a ministros dispensa-se a instrução!...»

Devemos dizer, por ser justo, que êste nosso correspondente é uma pessoa verdadeiramente inteligente e, porisso, modesta e atilada. Publicamos a sua nota cheia de sinceridade e de ironia como uma resposta indirecta aos pretenciosos que supõem valer muito quando são autenticas nulidades duma vaidade ridicula e insuportavel. Serve para nos compensar dos artigos de supostos camaradas de que ninguem conhece uma boa acção e que àlém de escreverem baboseiras pretendem, por mera e ignobil vaidade pessoal, vê-las publicadas na integra.

Um estranho «complot»

Os jornais falaram de uma maneira vaga num vago atentado contra o comandante da polícia, tenente-coronel Ferreira do Amaral. No «complot» estavam implicados alguns antigos agentes da polícia que haviam sido expulsos daquela corporação, tudo indicando, portanto, que se tratava duma vingança de ex-assalariados do govêrno civil. Pois, não o entenderam assim as autoridades que realizaram a captura de vários elementos operários, alguns há muito arredados das lides proletárias e sindicais.

São paradoxais essas prisões.

A volta ao mundo em avião

Dissemos ontem que não fazia sentido que um país pobre de estradas e de meios de transporte como o nosso se metesse na luxuosa aventura de dar a volta ao mundo em avião. Mais uteis seriam as carreiras aèrias comerciais. Também os oficiais em serviço na Aeronautica Naval se manifestaram contra alegando, entre outras razões, a pobresa de recursos do país, a quási nulidade política do «raid», que êste não se poderia fazer sem o apoio de navios de guerra, principalmente no Oceano Pacífico.

Bradar no deserto

Chama-se a isto bradar no deserto—mas não nos cansamos de bradar. Não há uma única razão que justifique a existência da censura à imprensa. Tudo indica que o govêrno se considera seguro da situação. A normalidade, a avaliar pelas medidas que últimamente tomou, fazendo recolher a quarteis as tropas que se encontravam concentradas em Sacavém, parece estar assegurada. Porque persiste, pois, a censura? Para ler os jornais antes de êles aparecerem à luz da publicidade? Porque não os lê depois, como toda a gente? A censura é hoje para o govêrno uma inutilidade, como sempre o foi para a imprensa. Sabemos que estamos bradando no deserto, mas continuamos a bradar.

Um grande hotel

O Palace Hotel da Curia

No domingo próximo inauguram-se as novas instalações do explêndido Palace Hotel da Curia. Este suntuoso edificio que obedece a todas as exigências modernas, ficará dotado de todos os melhoramentos, comportando mais de cem quartos, mobilados com todo o confôrto e higiene. Foi o sr. Alexandre de Almeida que dotou a Curia com esta monumental construção em que teve grande parte de esfôrço a indústria nacional que contribuíu integralmente com tudo o que é necessário a uma instalação moderna. Inaugurar-se-há no mesmo dia a estação provisória de caminhos de ferro, que fica situado entre Malhado e Mogofor. Dentro de pouco tempo ficará construida a estação definitiva que será em estilo D. João V.

Nas cerimónias da inauguração da instalação do hotel, estação provisória e lançamento da 1.ª pedra para a definitiva estação far-se-há representar tôda a imprensa, várias colectividades e elemento oficial.

LER E ASSINAR
Os Mistérios do Povo

Um protesto contra a realização da Feira de Agosto

A Federação Municipal Socialista de Lisboa apreciando a concessão que se diz ter sido dada, para a existência da chamada Feira de Agosto, qne não passa de um ignóbil foco de desordens, de um amontoado de tabernas que desonra a capital, protesta contra essa licença que nem sequer sofre desculpa pelo alegado desejo de aumentar as receitas, porquanto nunca o Município conseguirá os cem contos que diz obter do aluguer do terrado, mas que ainda os rendimentos obtidos mal chegarão para as despesas que a Câmara será obrigada a custear.

O rescaldo...

RABAT, 21.—As grandes operações na mancha dissidente de Taza encontram-se terminadas, tendo-se generalizado o movimento de submissões. As tropas francesas tiveram que dominar sérias resistências, lutando com a dificuldade de movimentos nas altas montanhas.—(H.)

A queda catastrófica do franco

Foram tomadas medidas excepcionais

PARIS, 21.—A nova descida do franco, pois a libra encerrou-se ontem a 242,50 francos, está originando um pânico sempre crescente. A's portas dos Bancos formaram-se longas «bichas» de pessoas que levantavam os seus depósitos e adquiriam valores estrangeiros. O govêrno, no seu conjunto de medidas, proíbe a publicação das cotações do franco, e as bôlsas comerciais de Paris e Marselha deliberaram suspender a publicação dos preços do mercado. O govêrno está elaborando um decreto pelo qual todos os comerciantes e empresas comerciais são obrigados a aceitar o papel-moeda francês em pagamentos de qualquer espécie.

Contra os estrangeiros

PARIS, 21.—Repetiram-se ontem as manifestações contra os estrangeiros, às quais a polícia pôs ràpidamente termo. Todos os combóios que se dirigem para as fronteiras vão literalmente apinhados de passageiros.

As novas propostas de finanças

PARIS, 21.—Os novos ministros reüniram-se em conselho, examinando a situação financeira e encarregando o respectivo ministro, sr. Monzie, de elaborar as novas propostas de finanças que têm de ser presentes ao parlamento.

A repercussão na Bélgica

BRUXELAS, 21.—Os exportadores de carvão deliberaram recusar-se a aceitar francos belgas em pagamento das suas expedições, comunicando aos seus clientes que todos os carregamentos deverão, de futuro, ser pagos em libras esterlinas.

A QUESTÃO DE MARROCOS

O exílio de Abd-el-Krim

MADRID, 21.—O conselho de ministros aprovou a convenção franco-espanhola sôbre Marrocos, bem como o exílio de Abd-el-Krim na ilha da Reüniãi.—(H.)

Os piratas nos mares da China

LONDRES, 21.—Interrogado sôbre o estado do bloqueio do pôrto chinês, de Wu-Chow em cuja cidade foi há tempos assassinado um subdito britânico, o sr. Chamberlain declarou na câmara dos comuns que três navios de guerra foram para ali enviados, a pedido do cônsul geral, e aos quais foram prometidas todas facilidades pelo govêrno de Cantão. Contudo, as organizações anti-estrangeiras fizeram toda a espécie de obstrucionismo, o que levou o comandante das fôrças navais britânicas, depois de vários dias de infructuosas negociações, a recorrer ao bloqueio.—(L.)

queira, das quais esperavam mundos e fundos...

O vulgo, o populacho, ri-se de tudo isto. E no seu raciocinar, declara que a mulher da Fontinha não deveria sofrer castigo algum: se ela vigarizou centenas de contos a tantos pacóvios, civis e fardados, é porque estes a queriam igualmente burlar. Aqui cabe a tal moralidade de Braga, não da *revolução nacional*, mas do sapateiro: se, como basilarmente está constituída a sociedade do roubo pelo roubo, todos se queriam mùtuamente vigarizar—ou vai tudo prêso ou não vai ninguém.

De resto, num sistema económico-social baseado na exploração do homem pelo homem, é muito gentil, muito galante, ao menos uma vez, o homem ser explorado pela mulher, já que pretendiam que a mulher fôsse explorada pelo homem...

¿Não lhes parece?

¡Ah! também se tem reparado neste ponto: o da polícia poder aferrolhar aos 15.000$00! Mas ninguém tem nada com a vida alheia...

Reproduzimos o nome dalguns depositantes da Inocência:

«Guarda de Segurança 195, com 3.000$00; Guarda de Segurança 909, com 3.000$00; Guarda de Segurança 871, com 4.500$00; agente de Polícia Administrativa, Artur Cardoso, da rua do Paraíso, com 15.000$00; António da Rocha, da rua do Almada, com 2.000$00; Maria Soares de Oliveira, da rua do Bomjardim, com 4.000$00; Alfredo Leite, da Avenida Saraiva de Carvalho com 62.000$00; Alfredo da Silva, da rua do Bomjardim, com 2.000$00; Cândido Machado, da rua Saraiva de Carvalho, com 35.000$00; Armando Alves Monteiro, empregado da caixa da rua 5 de Outubro, com 6.300$00; Manuel Alves Monteiro, empregado da Carris, da Carvalhosa, com 4.000$00; Joaquim Ferreira, da rua do Bomjardim, com 86.812$50; Alberto Teixeira Brandão, comerciante, da rua do Bomjardim, com 2.500$00, etc., etc.

C. V. S.

AS SUPERSTIÇÕES CATÓLICAS

Continua por todo o país a exploração religiosa das linhas e dos cordelinhos

ALCOBAÇA, 20. — Apareceram, nesta vila, as célebres linhas progressivas... as quais foram distribuídas por uma intrujona desconhecida. A «virtuosa» católica contou que, encontrando-se certa mulher — havia quatro dias — com as dores maternas, apareceu Nossa Senhora e lhe disse que não sofria mais, que havia de ter um menino muito robusto e da altura da linha que trazia consigo. Acto contínuo, a mulhersinha deu à luz um rapagão da altura da mesma linha.

Diz-se que a G. N. R. procura-a para lhe dar pousada, não a encontrando. A vigarista preferiu acolher-se a um cano de esgôto, sumindo-se. Cada criatura era obrigada a distribuir seis linhas de igual tamanho a pessoas suas amigas, as quais, por sua vez, fariam o mesmo. Conseguimos ver uma das linhas, e, procedendo à sua medição verificámos que o menino tem 73 centímetros de altura!!

Não exageramos—calculando o ventre da suposta mulher — dizendo que será do tamanho da caldeira da Central Eléctrica.

Uma nova história surgiu. — Apareceu Nosso Senhor e disse: «distribuam guitas por todo o mundo, porque o mundo está prêso por uma guita, e se o não fizerem, êle acabará!» Estamos de acôrdo. Não duvidamos que esta sociedade parasitária está segura por uma guita...

Aconselhamos o nosso camaradinha António Carolino—cordoeiro—a dar guita ás suas «Guitas», oferece-se-lhe a ocasião para fazer excelente negócio...

Horário de trabalho

As disposições legais

A secção editorial de *A Batalha* acaba de editar, em folheto, o decreto 5.516, de 7 de Maio de 1919 e respectivo regulamento publicado no *Diário do Govêrno* de 20 de Maio sôbre o horário de trabalho, sendo o seu preço avulso de $50.

Aos sindicados que desejem adquirir quantidade far-se-há um abatimento de 50 por cento em pacotes de 50 folhetos.

Pedidos à administração de A BATALHA

IMPRENSA

«Sol»

Publicou-se ontem o segundo número do bi-semanário o *Sol* que continua a apresentar-se bem redigido e de explêndido aspecto gráfico.

O edifício do Crédito Predial

A Comissão Administrativa do Município de Lisboa em reünião particular esteve ontem apreciando o ofício do Ministro da Justiça acêrca do pedido da cedência do edifício que a Câmara adquiriu ao Crédito Predial e, bem assim, as informações emitidas pelo engenheiro sr. Gomes Moleiro, chefe da 3.ª Repartição (Engenharia) e pelo arquitecto sr. Alexandre Soares, chefe da 4.ª Repartição (Arquitectura). O edifício ainda não foi cedido, como já se tem afirmado.

INSTRUÇÃO

Foi louvado em portaria a professora primária de Covêlo, concelho de Gondomar, sr.ª D. Maria Virginia Rodrigues, por ter promovido uma subscrição, que, á-pesar daquele meio ser pequeno, rendeu a quantia de 1.142$35 que aplicou na acquisição de material escolar e em urgentes reparações no edificio escolar. Foi também louvado o sr. Domingos Gonçalves de Sá Junior, residente em Rio Tinto por ter entregado à Câmara Municipal de Gondomar a quantia de 2.500$, a-fim-de com o seu rendimento ser instituido um prémio que reverterá a favor do professor ou professora que em relação à freqüência, maior número de alunos apresentar ao exame do 2.º grau de ensino primário ou equivalente.

Escola Sindical de Palma e Arredores

Realiza-se no dia 1 do próximo mês de Agosto o encerramento do ano lectivo da Escola da Secção de Palma e Arredores do S. U. C. C., com o seguinte programa:

Sessão solene, quermesse, festa da flor, e variedades por um grupo infantil.

A Secção convida todos os organismos operários a fazerem-se representar.

De pé atrás...

VARSOVIA, 21.—O presidente Bartel afirmou ser sua disposição continuar seguindo uma política pacifista em face dos países estrangeiros.

A beleza dos serviços dos correios em Africa

O jornal *O Comércio*, de Benguela, um dos mais bem escritos das colónias portuguesas, publicou no seu número de 29 de Maio do corrente ano, uma longa local sôbre o péssimo serviço dos correios que tanto prejudica particulares e jornais.

Como se vê por essa local *A Batalha* é um dos jornais mais prejudicados. Aproveitamos a ocasião para agradecer ao nosso colega de Benguela a pronta defêsa que fez do nosso jornal.

Passamos a transcrever:

Os assinantes do nosso colega *A Batalha*, residentes no Lobito, queixam-se de que estão privados de lêr aquele diário porque nos correios daquela cidade assim o decretam e fazem cumprir... Como?

Vejamos o que nos diz um queixoso justificadamente revoltado:

A Batalha, talvez porque lhe não aceitassem recibos de cobrança, ou por qualquer outro motivo que ignoramos, resolveu mandar os jornais à cobrança, a qual se deve realizar no dia imediato à chegada do vapor. Sucede, porém, que os senhores e donos do correio, com aquela *amabilidade* que estamos habituados a ver-lhes, descartam-se sècamente de quem reclama a entrega dos jornais impontando-nos para a secção das encomendas postais que, há dois meses, está sem empregado.

—Queixe-se, queixe-se. Os meus superiores sabem muito bem que não há empregado para fazer tais cobranças—diz um.

Mas há outro, que parece ser o Chefe que não responde directamente ao que lhe preguntamos, fala para a lua, sonha, diz coisas que nos não interessam e com as quais nada temos:—Ali não é o meu lugar. O meu contrato já terminou e só espero, só desejo que me mandem embora.

E, meu caro senhor, esse serviço da entrega dos jornais, que levaria apenas uns dez minutos a executar, eterniza-se por não haver quem o faça ou quem o queira fazer. Ainda não foram entregues os que vieram pelo *Pedro Gomes!*

Não haverá quem ponha termo a este lastimoso estado de coisas? Isto é uma vergonha, é uma autêntica pepineira.

* * *

Para completar o quadro, este quadro onde a desorganização dos correios da Provincia aparece aos nossos olhos em trajes menores, desavergonhada de todo, escrevemos umas simples linhas, deixando ao raciocinio de quem nos lê a equilibrada distribuição das culpas.

Ainda no último número dêste jornal, o nosso correspondente de Quingenge, diz:

«Recebemos de Benguela três cartas: a primeira traz a data de 26 de Março e foi por nós recebida em 27 de Abril; a segunda, com data de 19 de Abril, foi recebida em 7 de Maio juntamente com uma outra que traz a data de 24 de Abril».

Para estas demoras há a atenuante das grandes cheias, que desorganizaram o serviço do Caminho de Ferro. Mas absolutamente pasmoso e talvez inédito é o que se passou com uma carta enviada por a Administração desta Empresa para o Huambo. Posta no correio em 6 de Junho de 1925 chegou devolvida em 24 dêste mês!! Por mais uns dias podia completar um ano de vadiagem... Seria até mais decente não voltar. Perdido por dez, perdido por cem...

Telegramas que nunca deveriam levar mais de dois dias para chegarem ao destino, levam seis, sete dias. Constantemente recebemos queixas dos nossos assinantes, porque não recebem os jornais ou porque os recebem tarde. Por falta de pessoal, segundo resou a informação oficial, das duas ambulâncias semanais para o interior passamos a ter apenas uma, não tardando muito que, pela mesma falta de pessoal, essa desapareça e a correspondência siga P. M. P. ou P. E. F.! Ainda pela crónica e sistemática falta de pessoal êste mês não se emitiram vales para a Metrópole, prejudicando-se centenares de famílias, dificultando, impossibilitando a vida a muita gente!

Devia ter sido também ocasionado pela falta de pessoal, que se não carimbaram as estampilhas de muitas cartas que chegaram do interior no último combóio da semana passada. De uma pessoa sabemos nós que aproveitou quási cinco escudos de estampilhas. Naturalmente tôda a correspondência veiu assim.

Como em todos os serviços e a propósito de tudo a «falta de pessoal» é que prevarica, absolve e condena, não há outro remédio senão queixarmo-nos da «falta de pessoal» e pedirmos providências a s. ex.ª *A Falta de Pessoal*...

A quem deve ser?

E' simplesmente espantoso o que se acaba de ler. O serviço dos correios que é tão mau na metrópole atinge êste aspecto de cáos.

Reforçamos as nossas reclamações do *Comércio* de Benguela.

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «S. Miguel» são hoje expedidas malas postais para as ilhas da Madeira e Açores, sendo da Estação Central dos Correios a última tiragem da correspondência às 7 horas, e do Cais de Santos, recebe-se correspondências até às 9,45, mediante o pagamento da sobretaxa de 20 centavos por objecto.

TIVOLI

Telefone N. 5474

Matinée às 3 h. — Soirée às 9 h.

O triunfo de Lagardère

Segunda e última jornada de

O CORCUNDA

Adaptação do romance de PAUL FEVAL

Max Linder na America

COMEDIA EM 6 PARTES

Uma cine farça

Uma cine revista

Na matinée têm entrada gratuita as crianças acompanhadas de suas famílias

CARTA DE COIMBRA

Respondendo às miseráveis insinuações do "Correio de Coimbra" relata-se mais uma proesa do clericalismo

COIMBRA, 20.—Devem os leitores lembrar-se duma local nossa em que relatavamos «A história cómica e escandalosa dum milagre da confissão», inserta em *A Batalha* de 29 de Junho e que mereceu a transcrição a um grupo de liberais de Alcacer do Sal, para fazerem *pirraça* ao imoralão do Bispo de Evora.

Nessa local relatávamos algumas reverendíssimas patifarias ultimamente ocorridas no seio da igreja.

O *Correio de Coimbra*, orgão da reacção ultramontana cá da terra, vem todo lamuriento por termos tido a audácia de atacar as imoralidades de tão *dignos* sacerdotes.

O *Correio de Coimbra*, numa linguagem muitíssimo católica, mas pouquíssimo cristã, à mingua de argumentos que refutem as nossas apreciações, limita-se a insultar, insinuando jesuìticamente que o correspondente de *A Batalha* é alguem que na imprensa trocou «a pena honesta e digna do jornalista pela navalha de ponta e mola dos rufias e vadios.»

Não responderiamos ao *Correio de Coimbra*, se não fosse esta navalhada, que bem revela a fúria raivosa dos impotentes.

Saiba o *Correio de Coimbra* que em *A Batalha* não têm guarida rufias ou vadios. Aqui só trabalha gente limpa de mãos e de consciência, do que se não poderá gabar certamente a imprensa católica, na qual conhecemos alguns corifeus, cuja moralidade deixa muito a desejar.

E o *Correio de Coimbra* sabe-o bem...

Decerto não ignorará que há jornalistas (?) católicos que ocultam a sua mandria no desempenho de hipotéticos lugares eclesiásticos, assim como não ignorará que certo jornalista católico desempenha o *ilustre* papel de *choca*, rendoso lugar da batota, além de ser conhecido como um asqueroso «souteneur»...

Como os leitores vêem, é gente deste jaez que vomita injúrias sôbre a imprensa operária!

Para não gastarmos cêra com ruim defunto, terminamos por convidar o *Correio de Coimbra* a que nos desminta os factos relatados na aludida correspondência, porque, saibam-no os leitores, os homenzinhos não desmentiram nada na sua resposta, limitando-se a chorar copiosamente por verem o espírito satânico a conspuscar a *pureza* das intenções dos dignos sacerdotes por nós atacados.

Ficamos esperando a resposta dos tonsurados, e enquanto ela não vem, vamo-nos deliciando com a ameaçasinha, veladamente feita de que «ainda há leis e juízes em Portugal, e não foi positivamente para os cães que elas se fizeram e se abriram as cadeias».

Como vêem, é uma linguagem tôda paz, tôda amor...

Ah! que se ainda houvesse a Santa Inquisição!...

Para corolário não encontramos melhor do que transcrever do jornal *Vida Nova* a seguinte local, publicada no seu número de 3 do corrente:

«**OLIVEIRA DO HOSPITAL — Um crime repugnante**—Acabamos de ser informados, por pessoa fidedigna e de toda a respeitabilidade, que um padre do nosso concelho cometeu o impudor de seduzir Anunciação L. Canhão, da Chamusca, por sinal uma rapariga pertencente a uma família honesta.

Como constasse que a rapariga estava no seu estado interessante e que, talvez para ocultar a sua vergonha, pretendia destruir o feto, a autoridade administrativa, ao ter conhecimento do caso, mandou intimá-la a comparecer na administração dêste concelho para se certificar da veracidade do facto.

A rapariga compareceu no dia aprazado e, ao ser interrogada pelo sr. secretário da administração, confessou, perante êle e mais oficiais da administração do concelho, que efectivamente estava no seu estado interessante e mantinha, desde há tempo, relações ilícitas e amorosas com o reverendo Luis Alves de Campos, pároco da Lageosa e Meruge, e que era êle o único autor do futuro recemnascido.

Feito o exame médico pelo médico municipal, sr. dr. Mendes Costa, êste verificou que efectivamente a rapariga pretendeu provocar o abôrto, produzindo três picadas no útero para aquele fim.

Interrogada sôbre êste assunto confessou que lhe aparecera, de surpresa, em sua casa uma mulher de São Paio, criatura de baixos instintos e que tinha recentemente regressado de Africa para onde fôra desterrada como abortadeira, e, o que é mais revoltante, é que esta lhe declarou que viera ali (referia-se à casa da rapariga na Chamusca) a pedido e por ordem do aludido padre, segundo consta, fertil em proezas e poucas vergonhas desta natureza.

A abortadeira, como se depreende, é uma criatura de baixa escola a quem nem a lição de degredo penitenciou de continuar, com a mesma sem vergonha, na senda de tão repugnantes crimes em que é useira e veseira.

Não mexeriamos neste assunto, que nos causa nauseas e nos merece a maior repulsa, pela miséria e moralidade que revela, se não fôssemos à última hora informados de que o crime se perpetrou.

Que conceito deve fazer a sociedade dêstes pastores de almas que sem o menor respeito pelas funções que desempenham, antes lhes têm servido para lhes facilitar a prática de actos imorais, têm arrastado para o lupanar, para o adultério, para a miséria as suas vítimas, levando ao seio das famílias a desarmonia, a desolação e a dor!

Trindade — Telef. T. 976 — HOJE e todas as noites

A FRANCESIOSA COMÉDIA

O PATRIOTA

e a «BLUETTE»

POMADA AMOR

Original de ERICO BRAGA e AVELINO DE SOUSA

Música do maestro Alves Coelho

Explendidos scenários-Luxuoso guarda-roupa-Desempenho brilhantíssimo

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Companhia de Opera

E' necessário que se disponha de recursos artísticos de valia para que na mesma noite se possam exibir três óperas diferentes, embora só com um acto de cada uma. Esses actos eram, incontestavelmente dos de maior responsabilidade e assim se procurou fazer brilhar as primeiras figuras desta companhia de ópera. Alves da Silva, só não entrou no Rigoletto. Na Aida e na Traviata patenteiou mais uma vez as suas belas qualidades vocais, sendo bastante notável o seu trecho no 3.º acto da Aida. A sua voz quente e bem conduzido torna-se dia a dia mais límpida. Luís Macieira muito bem na Traviata. Perfeitamente à vontade. No Rigoleto teve menor vigor, principalmente na scêna da Maldição. Tajil de Tavares na Aida foi menos bem do que na Tosca que já havia estreiado no Coliseu. As duas sopranos Fernando Corte-Real e Roque Bastos bastante afinados, a primeira na Traviata, a segunda no Rigoleto. Em papeis de menos polpa António Prati e Pita Simões fizeram boa figura. O mesmo direi de Mercedes Gonçalves. Os côros certos. A regência da orquestra firme, como é costume em Pedro Freitas Branco que tendo ainda há pouco feito a sua estreia como director orquestral já tem assegurado um bom lugar.

Nogueira de BRITO

Foi bastante aplaudido o novo número «Os dois aficionados», feito por Alvaro de Almeida e José Vítor, na «bluette» «Malmequer» que está obtendo um enorme êxito no Foz, em «matinées» e «soirées». O elenco do Foz, de que fazem parte Adelina Fernandes, Mari Laura, Teresa Gomes, Maria Benard, Alvaro Pereira, Alvaro de Almeida, José Vítor e Guilherme Cauppers, é hoje valorisado com a estreia de Carmencita Alves.

— Para o entrecho da peça «Três meninas... nuas!» que vai ser representada no Gimnásio, partiram os seus autores do princípio de que na vida moderna da sociedade a modéstia e a compostura são qualidades insuficientes para seduzir os homens. E subordinando-se a essa ideia, arquitectaram uma peça com música da que vai, pela certa, causar sensação em Lisboa.

— Continuam dando brado os espectáculos do Apolo, com «A casa da Suzana», a peça ideal para verão. No Apolo repete-se hoje, sendo os bilhetes a preços reduzidos, vendidos sem locação.

Ocorrências diversas

O Banco do Hospital de S. José, recebeu curativo e recolheu a casa, José Maria, de 49 anos, natural de Loanda, porteiro, residente na travessa de Santana, 20, que, na rua Saraiva de Carvalho foi atropelado por um automovel, ficando ferido na cabeça e contuso pelo torax.

—No posto da Cruz Vermelha do Calvário, foi pensada e seguiu depois para casa, Maria da Conceição, de 48 anos, natural de Ponte da Barca, vendedeira ambulante, moradora na Estrada de Monsanto (barracas) que, na mesma estrada foi colhida por uma carroça ficando ferida no pé esquerdo.

—Na Sala de Observações do Banco do Hospital de S. José, faleceu ontem de manhã, Armando Dinis Fernandes, de 18 anos, aquele empregado no comércio, residente na rua da Achada, 7, 1.º, que, como noticiámos, foi, no dia 18 último, vítima de um desastre em automovel, na Costa do Castelo.

—Na enfermaria de Sousa Martins, do Hospital de S. José, deu entrada José de Brito, de 17 anos, jornaleiro, natural de Castro Verde e residente em Almodovar, que caiu de um cavalo, próximo da residência, ficando ferido no rosto.

—Na Sala de Observações do Hospital de São José, deu entrada Henrique Ferreira, de 14 anos, aprendiz de fundidor, residente na rua Possidonio da Silva, pateo do Junça, 7, que, na oficina de serralharia de Bruno Janz, no Caminho do Forno de Tijolo, foi colhido por um ferro, ficando muito ferido na cabeça.

—No Banco do Hospital de São José, foram pensados e seguiram depois para casa: Alfredo Mendes Tavares, de 13 anos, natural de Lisboa, serralheiro, residente no Casalinho da Ajuda, J C, r|c e que na fábrica de louça, na travessa do Giestal, 34, foi colhido pelos carretos duma máquina, ficando com dois dedos da mão direita esmagados; Manuel Marques, de 51 anos, natural de Oliveira do Hospital, jornaleiro, rua da Procissão, 5, loja, que, na Fábrica da Companhia Previdente, no Conde Barão, foi colhido pela correia dum cilindro de limpar prego, ficando muito ferido no braço esquerdo; António Roberto, de 20 anos, natural de Tomar, carpinteiro, Campo dos Mártires da Pátria, 129, que, no largo do Intendente foi colhido por uma chapa de zinco, ficando ferido na mão direita; e António Santos Amaral, de 16 anos, electricista, rua Dr. Miguel Bombarda em Queluz e que na Amadora, foi colhido por um ferro ficando ferido na mão esquerda.

"Educação Social"

Revista de pedagogia e sociologia

Dirigida pelo prof. dr. ADOLFO LIMA

Publicação mensal

Redacção e administração—*Empresa Literária Fluminense, Limit.ª*—R. dos Retrozeiros, 125—LISBOA.

A' venda na administração de «A Batalha».

SOCIEDADES DE RECREIO

Academia Verdi—Reúne-se hoje, pelas 21 e meia horas, a assemblea geral extraordinária.

Edições de "A Sementeira"

Práticas néo-maltusianas	$50
O sentido em que somos anarquistas	$30
A peste religiosa	$40
A Liberdade	$50
A Internacional (música e letra)	$30

Pedidos à A BATALHA ou no Cais do Sodré, 82

Hoje, às 21,30 — TEATRO AVENIDA — Telef. N. 4355 — Hoje, às 21,30

A SENSACIONAL PEÇA

O Dr. da Mula Ruça

12 números de música 12

Orquestra Jazz-Band

'A Batalha' na provincia e arredores

Queluz

Pró-higiene

QUELUZ, 20.—Parece que as nossas justas reclamações encontram éco, senão por enquanto em quem melhor devia reparar para casos dêstes. Pelo menos a iniciativa particular movimenta-se dando a esperança de que em breve teremos o que há muito se reclama—um colector que sirva a parte alta de Queluz ou seja o Alto da Varzea.

Oxalá que assim seja, e que as autoridades e outras entidades burocráticas que no assunto tem que intervir deem o auxílio necessário para uma obra de tamanha monta.

Devemos advertir que não é só aos proprietários do Alto da Varzea que o assunto interessa, mas também aos da parte baixa, visto que uma vez as águas inquinadas êstes também lhe sofrem as conseqüências. Assim é necessário conjugarem-se os esforços, e agir é enquanto é tempo!...

As estradas

Não nos cansamos de clamar contra o detestável estado das estradas e não menos detestáveis processos da sua conservação.

Até aqui era o entulho das obras lançado às estradas, o qual, ao que consta, pago como saibro, mas êsse embora fôsse a causa do deplorável estado em que se encontram as estradas, não se tornou tão reparado, como agora se está tornando o facto de ao pé da estação se andar a meter na estrada barro vermelho com britado!...

Isto é positivamente, nem mais, nem menos do que o chefe da «desconservação» estar a fazer tirocinio para pôsto... superior, ou se não é isso anda a mangar com a tropa...

Vendas Novas

A «obra» das vereações municipais

VENDAS NOVAS, 20.—Quando se realizaram as últimas eleições camarárias e paroquiais chegamos a ter a impressão de que tanto a nova vereação como a reeleita junta de freguesia iam olhar com mais atenção para as necessidades desta vila. Porém, enganamo-nos. Tudo como dantes.

Esta vila encontra-se num estado vergonhoso, a-pesar-de ser a povoação que mais contribui para a tesouraria do concelho. A qualquer canto de rua se encontram montes de lixo e de dejectos. Não há luz, não obstante existirem candieiros para petróleo e alguns postes para luz eléctrica. Quanto a água, nem é bom falar. A maior parte da população serve-se dum chafariz distante da vila e que se encontra em tal estado que causa náuseas. Só dum poço que fica ao fim da vila se pode beber água potável.

O projectado mercado para abastecimento público continua em projecto e entretanto a carne, o peixe, hortaliças, frutas, etc., continuam expostas ao sol, ao pó e à chuva, como medida higiénica.

Nos pontos menos centrais da vila há ruas que no inverno se tornam intransitáveis, em virtude da falta de calcetamento e de valetas. Enfim, uma verdadeira lástima.

Pois bem: agora que vão ser substituídos os corpos administrativos por elementos militares, vamos ver se esta vila terá o prazer de ver satisfeitas as suas aspirações. Os homens que estão no govêrno dizem que querem regenerar o país pelo trabalho e nós aproveitamos a ocasião para lembrar às novas comissões que vão tomar assento na Câmara e na Junta de freguesia que nêste concelho há uma grande de trabalho e por isso o momento é propício para se demonstrar que os militares não mentem como os políticos. Por aqui, como acima dizemos, há muito que fazer e além disso era conveniente que se soubesse a razão porque não se deu ainda início às obras dum hospital para o qual a Junta tinha em seu poder determinada verba.

A' VENDA a 10.ª SÉRIE

DE OS MISTÉRIOS DO POVO

Interessante romance histórico profusamente ilustrado desde as primeiras idades do homem até à revolução Francesa.

Assinatura: pelo correio cada série de 10 tomos com cêrca de 320 páginas 6$00.

A obra mais barata que no género se publica

DESPORTOS

Atlétismo

Campeonatos nacionais

A F. P. S. A. inscreveu no seu calendário para o próximo dia 31 e 1 de Agosto a disputa dos Campeonatos Nacionais. Esta prova servirá de selecção para o II Match Ibérico que se realizará, possivelmente, na 2.ª quinzena de Agosto.

Está cuidando a F. P. S. A. da organização dos campeonatos nacionais, o que permitirá o público apreciar e seguir todas as provas com clareza.

Um bom regime de engorda

VARSOVIA, 21. — A Dieta aprovou a proposta de lei concedendo ao presidente da república a prerrogativa de dissolver o parlamento, tendo-lhe, porém, introduzido uma emenda segundo a qual a convocação dos colégios eleitorais será feita 90 dias depois de dissolvidas as câmaras, não podendo também o chefe do estado promulgar decretos durante o período do encerramentos.—(L.)

TEATRO APOLO

A CASA DE SUZANA

HOJE

A mais divertida e monumental comédia

Sucesso notável em Paris no teatro Palais Royal

Nos principais papeis os artistas:

Irene Gomes, Abilio Alves, João Calazans, Artur Rodrigues, Aurélio Ribeiro, Elvira Velez e Lino Ribeiro

Encenação do professor AUGUSTO DE MELO

SCENARIOS NOVOS

Excentrico e artistico Jazz-Band

Ultimas notícias

NO PORTO

O julgamento sumário de um operário em tribunal de guerra

PORTO, 21.—Conforme as medidas excepcionais «provisóriamente» promulgadas pela revolução nacional da ditadura militar, efectuou-se ontem no tribunal da 3.ª divisão, o primeiro conselho de guerra em que foi julgado o primeiro civil—o carpinteiro Joaquim Coelho da Rocha, sobrevivente daquela explosão ocorrida lamentavelmente no Sindicato Unico da Construção Civil.

Ao tribunal militar acorreu grande número de operários, todos ansiosos pelo resultado do julgamento.

O libelo, como é de calcular, estava feito à feição dos informes policiais. Ouvidas as quatro testemunhas de acusação, que nada adiantaram que pudesse comprometer o arguido, e as 8 de defêsa—o capitão sr. Faceira fez uma brilhante defesa daquele camarada, demonstrando que êle não poderia estar a fabricar bombas, porquanto se tal estivesse, tinha de estar com uma mão a segurar e com a outra a carregar. Sendo assim, fatalmente, seria imensamente ferido por estilhaços, queimado no peito, etc. O reu, como qualquer outro operário pertencente ao Sindicato, poderia ser vítima, ocasionalmente, pela explosão, não querendo isso dizer que todos os filiados sejam bombistas. Reputa, mesmo, o operário português honrado, trabalhador.

Extranhou que o processo não tivesse bem desenvolvida a parte essencial: o aspecto das dependências em que se deu o desastre, as possibilidades que contribuiriam para a explosão, etc. Quanto à acusação feita pela polícia de que o Sindicato Unico da Construção Civil tenha sido uma verdadeira fábrica de bombas desde aquele ano em que lá foram apreendidos *100 petardos*—segundo a mesma polícia—não sabe como dois operários e sem ferramenta, sem maquinismo, pudessem ter um tal estabelecimento em tamanha elaboração. Admira até que as autoridades civis não tivessem impedido tal fabricação.

O sr. capitão Faceira, advogado oficioso, refutou, com relativa facilidade, os argumentos do major sr. Brito Faria—argumentos, aliás, que não conseguiram demonstrar ineludivelmente, a culpabilidade de Joaquim Coelho da Rocha.

Enfim: o advogado oficioso satisfez, pelo seu modo desinteressado, imparcial, correcto, como fez a defesa do suposto réu, sobremaneira o público—o qual, em parte, na passagem em que o capitão elogiou o operariado, se pronunciou com: ¡Muito bem! Muito bem!, manifestação de aplauso ao sr. Faceira. Mas como a rigidez dos tribunais, principalmente os marciais onde as espadas estão desembainhadas, não se permite que o Soberano popular tenha a mínima expressão de contentamento ou descontentamento, o magistrado interveio austeramente em nome do regulamento da constituição do tribunal—não havendo conflito por uma questão de milagre...

A-pesar-de patenteada, por falta de provas testemunhais, jurídicas, a inculpabilidade do acusado, o juri resolveu dar o crime como provado, concedendo-lhe, porém, a mercê da atenuante—do decreto excepcional que aplica aos atentados civis o código da justiça militar ter sido publicado após a explosão. Por êste facto, a sentença foi de 4 anos de degrêdo em possessão indicada pelo govêrno.

A vítima recorreu da sentença.

SOLIDARIEDADE

Em favor de Silvério dos Santos

Como temos vindo a noticiar, encontra-se gravemente enfermo êste militante da organização corticeira. Instituíu-se em Almada uma comissão que por todas as formas tenta angariar donativos para suprir a precária situação material em que êste camarada se encontra.

Assim, no próximo dia 8 de Agosto, realizar-se há, no Teatro Incrivel Almadense, uma «matinée» a qual abrirá com uma conferência pelo nosso camarada Mário Domingues, seguindo-se um concílio poético e social pelo Grupo Solidariedade Moscavidense. Abrilhanta o espectáculo um grupo musical da Sociedade Incrivel Almadense. Os bilhetes já se encontram à venda nos seguintes estabelecimentos: Na Piedade, na sede da Sociedade Cooperativa Fiadense; em Mutela, na Barbearia de Aurélio da Silva; em Almada, na Barbearia de João Baço e na sede da Associação dos Operários Corticeiros de Almada.

AGREMIAÇÕES VARIAS

Liga dos Amigos dos Hospitais.—Realiza-se hoje, pelas 22 horas, na sede da Associação Comercial dos Lojistas de Lisboa, Avenida da Liberdade, 21, uma reünião da assemblea geral extraordinária desta Liga, para se decidir sôbre alteração dos estatutos na parte que se referem aos hospitais civis, eleição de vários membros dos corpos gerentes para preenchimento das vagas existentes e discussão de outros assuntos urgentes e importantes.

LA NOVELA SOCIAL

LA LOCA VIDA

E' o titulo do n.º 10 da interessante colecção de novelas que se publicam em língua espanhola sob o título genérico de *Novela Social*, encontrando-se à venda na nossa administração ao preço de $60. Pelo correio $70.

TEATRO NACIONAL — HOJE

COMPANHIA Ilda Stichini-Alexandre Azevedo

A interessante peça em 3 actos, original de *Lucien Nepoty*, tradução de *A. de Almeida* e *A. Dias da Costa*

OS FILHOS

Encantador entrecho

Espirituosos diálogos

Situações esplêndidas

Protagonista: Ilda Stichini

MARCO POSTAL

Siborro. — *Ass. dos Rurais.* — Recebemos 10$00, ficando paga a assinatura até 26 do corrente.

Penafiel.—*J. Sousa.* — A «Renovação» suspendeu no n.º 24.

Casa Branca—Sousel.—*José Velez.*—Aguardamos resposta sôbre a venda de jornais a seu cargo.

Faro. — *José Gregório dos Santos.* — Continuamos aguardando que o agente que nos indicou liquide.

CAMBIOS

Países	Compra	Venda
Sôbre Londres, cheque		94$75
» »		—
» Madrid cheque.		3$08
» Paris, cheque...		$43
» Suíça, » ...		3$78,5
» Bruxelas cheque		$45
» New-York, »		19$55
» Amsterdão »		7$86
» Itália, cheque ...		$64
» Brasil, » ...		3$10
» Praga, » ...		$58
» Suécia, cheque.		5$24
» Austria, cheque		2$77
» Berlim, »		4$66

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Nacional.—As 21—«Os Filhos».
São Luiz.—A's 21,30—Palhaços, Morte de Isolda.
Apolo.—A's 21,45—«A Casa de Suzanas.
Trindade.—A's 21,15—«O Patriota», «Pomada Amor.»
Politeama.—A's 21,30—«O Leão da Estrela».
Avenida.—A's 21,15—«O Dr. da Mula Ruça».
Avenida Vitória.—A's 21 e às 22,45.—«O Az de Espadas».
Variedades—A's 21,15 e às 22,45.—O Pó de Arroz
Salão Tez.—A's 21,15.—«Malmequer».
A's 15—Matinée.
A's 15—Matinée.
Cinema Gil Vicente (á Graça)—Espectáculos às 3.as 5.as sábados e domingos com «matinées».
Avenida Parque—Todas as noites. Concertos e diversões.

CINEMAS

Tivoli — Olimpia — Central — Condes—Chiado Terrasse—Ideal—Arco Bandeira—Promotora—Esperança—Tortoise—Cine Paris.

CONSELHO TECNICO DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua indústria, tais como: edificações, reparações, limpesas, construção de fornos em todos os géneros, jazigos em todos os géneros, fogões de sala, xadrês, frentes para estabecimentos e todos os trabalhos em cantarias e mármores de tôdas as proveniências.

Telefone — 539 Trindade

Escritório:

Calçada do Combro, 38-A, 2.º

Bibliotéca de Instrução Profissional

Manuais de oficios

Galvanoplastia	18$00
Motores de explosão	20$00
Navegante	16$00
Cimento armado	25$00

Construção Civil

Acabamentos das construções	16$00
Alvenaria e Cantaria	13$00
Edificações	13$00
Encanamentos e salubridade das habitações	13$00
Materiais de construção	20$00
Terraplenagens e alicerces	13$00
Trabalhos de Carpintaria	16$00

Diversas indústrias

Condutor de Máquinas	20$00
Fogueiro	16$00
Formador e estucador	12$00
Fundidor	13$00
Pilotagem	16$00
Indústria alimentar	12$00
Indústria do vidro	12$00

Mecânica

Torneiro e Frezador mecânicos	15$00
Desenho de máquinas	25$00
Material agricola	13$00
Nomenclatura de caldeiras e máquinas a vapor	13$00
Problemas de máquinas	16$00

Policlínica da Rua do Ouro

Entrada: RUA DO CARMO, 98

TELEFONE N. 5353

Medicina, coração e pulmões—Dr. Armando Narciso—A's 5 horas.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar—4 horas.
Rins, vias urinárias—Dr. Miguel Magalhães—10 horas.
Pele e sifilis—Dr. Correia Figueiredo—11 e às 5 horas.
Doenças nervosas, electroterapia—Dr. R. Loff—2 horas.
Doenças dos olhos—Dr. Mário de Matos—2 horas.
Garganta, nariz e ouvidos—Dr. Mário Oliveira—12 horas.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo—5 horas.
Doenças das senhoras—Dr. Emilio Paiva—2 horas.
Doenças das crianças—Dr. Filipe Manso—12 horas.
Tratamento de diabetes—Dr. Ernesto Roma—5 horas.
Boca e dentes—Dr. Armando Lima—10 horas.
Cancro e radio—Dr. Cabral de Melo—4 horas.
Raio X—Dr. Aleu Saldanha—4 horas.
Analises—D. Gabriela Beato—4 horas.

POLICLINICA POPULAR

RUA MORAIS SOARES, 114

(Telefone, 5460-Norte)

Cirurgia, operações, às 15 horas—Dr. Abel da Cunha.
Estomago, intestinos e figado. Clínica geral, às 11 horas—Dr. Eduardo Neves.
Coração e pulmões. Clínica médica, às 15 horas—Dr. Leão da Silva.
Boca e dentes, desde as 9 horas—Dr. Domingos Pereira.
Doenças das crianças, ás 12 horas—Dr. Fuas de Matos.
Doenças da nutrição. Clinica Geral, às 16,30 horas—Dr. Camezuli Ferreira.
Doenças dos olhos, às 14 horas—Dr. Caetano S. Oliveira.
Pele e sifilis, às 11 horas—Oliveira Feijão
Doenças das senhoras, às 17,30 horas—Dr.ª Isabel Pereira.
Garganta, nariz e ouvidos, às 10,30 horas—Gomes Coelho.
Rins e vias urinarias, às 12,30 horas—Dr. H. de Fontoura Madureira.
Raios X—Dr. Aleu Saldanha.

ANÁLISES CLINICAS
VACINAS

Policlínica da Estrela

Rua Domingos Sequeira, J. M., 1-C—Lisboa

TELEFONE TRINDADE-202

Doença dos rins e vias urinárias, às 10,30 horas—Dr. Antunes Prior.
Clínica cirurgica—Operações, às 16,30 horas—Dr. Bastos Gonçalves.
Ouvidos, nariz e garganta, às 9,30 horas—Dr. Carlos Larroudé.
Sifilis e doenças venereas às 11 horas—Dr. Carmo dos Santos.
Clínica médica, coração e pulmões, às 16 horas—Dr. Drummond Borges.
D. das gravidas, puerperas, útero e anexos—Doenças das crianças, às 12 horas—Dr. José Bonito.
Estomago, figado e intestinos—D. da nutrição (diabetes), gota, obesidade, às 14 h.—Dr. Luiz Quintela.
Clínica geral às 14 h.—Dr. Manuel d'Assumpção.
Doenças da pele e venerologia, às 15,30 horas—Dr. Caeiro Carrasco.
Análises clínicas—Vacinas, às 15 horas—Dr. Marques Manaças.
Doenças dos olhos, às 9,30 h.—Dr. Sertório Senna
Doenças da boca e dentes—Prótese, 12,30 horas—Dr. Virgílio Xavier.
Raios X—Radioterápia, às 16 horas—Dr. Aleu Saldanha Cruz.
D. Nervosas e Mentais—Electroterapia, às 16 h.—Dr. Luiz Pacheco.
Ortopedia—Massagem—Ginnástica médica, às 15 horas—Dr. Salazar Carreira.

FATOS completos e sobretudos

em bom cheviote, com bons forros e bom acabamento, para homem, desde

129$00

Calças desde 35$00

Grande sortido de fatos e sobretudos, feitos e por medida

Abatimentos para revenda

170, Rua da Boa Vista, 172

"A BATALHA" no Funchal vende-se No Bureau de La Presse.

E' bom beber mas...
Sabendo o que se bebe
Sabendo quanto se bebe

Procurai com confiança qualquer FILIAL da

Empreza Val do Rio J.or

(RECONSTITUIDA)

VINHOS, AZEITES, VINAGRES
OS MELHORES

PEDIDOS E RECLAMAÇÕES:

RUA DOS FANQUEIROS, 150, 1.o

Telefone 207 C.

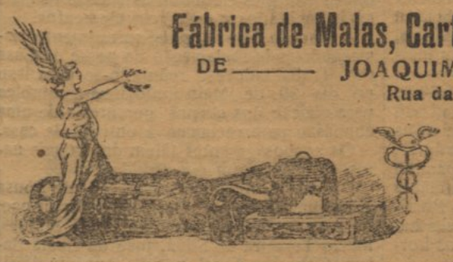
O AUTOMÓVEL SÓ ERA ACESSIVEL AOS RICOS

A Cooperativa Lisbonense de Chauffeurs

PROLETARIZOU-O

Porisso, as classes trabalhadoras têm o dever de preferir o taxis "Citroën" (palhinha amarela) a qualquer outro

Telefónes: Norte 5521 e 5528
Escritório e Garage: Rua Almirante Barroso, 21



Fábrica de Malas, Carteiras e Artigos de Viagem

DE JOAQUIM PEREIRA MONTEIRO

Rua da Cruz da Carreira, n.º 43

Estabelecimentos para venda ao público:
Praça José Fontana, N.os 11 e 11-A
Avenida Casal Ribeiro, N.os 45 e 47

LISBOA

Telefone 5.347 N.

ÊSTE SEGURO IMPÕE-SE A

TODOS OS TRABALHADORES

Todo o operário ou trabalhador por **33 CENTAVOS POR DIA** garante aos seus, em caso de morte, um capital de **ESC. 5.000$00** pago imediatamente. Se economizar **58 CENTAVOS POR DIA DURANTE 30 ANOS** garante para a sua velhice uma pensão de reforma de **ESC. 100$00 MENSAIS** pagos enquanto for vivo.

Operários, trabalhadores, sêde previdentes para com as vossas famílias e para com vós mesmos, segurando-vos em

A MUNDIAL

Companhia de Seguros

Sede -- Rua Garrett, 95
LISBOA

Sociedade Anónima de Responsabilidade Limitada

IMPORTANTE:
Mediante um ligeiro sôbre-prémio, A MUNDIAL pôr-vos-há ao abrigo da

DOENÇA E INVALIDEZ

Menstruação

Aparece rápidamente seja qual fôr a causa tomando o

FERREÓL

Não prejudica a saúde. Caixa 15$00.
Envia-se pelo correio à cobrança.
FARMACIA CUNHA
R. da Escola Politécnica 16 e 18
LISBOA

NAO SOFRAM MAIS!

Usem HERPETOL para as doenças da pele

Umas gotas dêste medicamento acalmam e fazem por completo desaparecer a comichão.

O HERPETOL é na realidade o primeiro medicamento descoberto para as doenças da pele, tais como: ECZEMAS, MANCHAS, ERUPÇÕES, ESPINHAS, CROSTAS, ARDENCIA NA PELE e MORDEDURAS DE INSECTOS.

Instantes depois da aplicação, o padecente vê com regosijo sintomas de restabelecimento.

A CURA É CERTA, em muitos casos um só frasco é o suficiente para uma cura. Se sofre, compre sem demora esta especialidade que se vende nas principais farmácias.

DEPOSITOS:

LISBOA, R. DA PRATA, 237, 1.º

A' venda na administração de "A Batalha"

Cartilha do homem do povo	$50
Programa agrícola do Partido Operário Francês, por Paulo Loforgne	$50
O que é ser socialista?, por Ernesto da Silva e Ladislau Batalha	$50
Deus, o Diabo e o Homem, por Lourenço da Silva	1$00
Cartas políticas, por João Chagas, diversos números, cada exemplar.	1$00
A Humanidade, por Taraf Javol	1$50
O Abortamento, pelo Dr. Confeymon e I. Budin	2$00
Monarquia Jesuítica, por Melchior Zuchofer	2$00
Os gatos, por Fialho de Almeida, os três primeiros números da 2.ª série	2$50
O Mitraismo, pelo prof. Almeida Paiva	2$50
Os Crimes da Sacristia, por Alexandre Barbas	3$00
A Religião da Humanidade, por José Augusto Correia	3$50
A Filologia perante a História, por Nobre França	5$00

LIMAS NACIONAIS

Só a grande força de propaganda tem dado lugar a que ainda hoje se consumam em Portugal limas estrangeiras, visto que as limas marca «Touro» da Empresa de Limas União Tomé Pereira, Ltd.ª, rivalizam em preço e qualidade com as melhores limas do Mundo. Experimentem, pois, as nossas limas que se encontram à venda em todos os bons armazéns de ferragens do país.

MARCAS REGISTADAS

A CURA DAS DOENÇAS PELAS PLANTAS, livro util ás boas donas de casa. Preço 2$00; pelo correio, 2$50. Pedidos á administração de *A Batalha*.

PÓ RODRIGUES

O melhor INSECTICIDA para a DESTRUIÇÃO DE PULGAS, PERCEVEJOS, BARATAS, FORMIGAS, etc.

A' VENDA em todas as Drogarias, Mercearias e lojas de Ferragens

UNICOS DEPOSITARIOS EM PORTUGAL

SALVADOR BARATA, L.DA

FABRICANTES DOS ALUMIADES marca "GAIVOTA" 19-A, RUA DAS GAIVOTAS, 19-C **LISBOA**

Telefone T. 546

AGENTES: no Porto—Sociedade de Produtos Químicos, L.da, R. 31 de Janeiro, 17, 1.º—Nas ILHAS — José Goes Ferreira—Funchal

Livros em espanhol

A' venda na administração de A BATALHA

Mi Comunismo, Sebastião Faure	10$00
La Revolucion Social em Francia, Miguel Bakunine (2 volumes)	20$00
Cartas a uma mujer sobre la anarquia, Luiz Fabri	2$50
La Ukrania revolucionária, Agustin Souchy	1$50
Anarquismo y organisação, Rodolfo Rocker	1$00
Entre campesinos, E. Malatesta	1$00
En Ukrania, Rudenko	1$00
Miguel Bakunine, J. Guillaume	1$00
Los anarquistas (Estudo e replica) Lombroso y Mella	5$00
Errico Malatesta, Max Nettlau	6$00
Artistas y Rebeldes, R. Rocker	9$00
Nicolai, Romain Rolland	4$00
¿Soviet o Dictadura?, Varin	1$50
El Estado moderno, Kropotkine	5$00
Dictadura y Revolucion, Luiz Fabri	10$00
Bolshevismo y Anarquismo, Rodolfo Rocker	1$00
Problemas universitários, Lelio O. Leno	1$00
La Revolucion, José Torralvo	1$00
Dios y el Estado, M. Bakunine	3$00
Paginas seletas, Multatuli	3$00
Ensayos y Conferencias, Pedro Gori	3$00
Dos años en Russia, E. Goldman	2$00
Quinet, Falaiz	10$00
La pena de muerte, G. Alomar	1$00
El Teatro del Pueblo, V. de Pedro	1$00
El Teatro del Pueblo, por Valentin Pedro	1$50
Accion Directa, por Angel Pestaña	1$00

Serviço de livraria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja	1$00
A Evolução legal e a anarquia	$30
Gonçalves Correia—A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura	$50
José Prat.—A burguesia e o proletariado	$50
A necessidade da Associação	$50
Content.—Contra o confusionismo.	$30
Alfredo Neves Dias.—Razão (poema e to social)	$50
Ernesto da Silva. — Teatro livre e Arte Social	$30
Landauer.—Social Democracia	$30
R. Mela.—O principio do fim	$30
••• A maçonaria e o proletariado	$30
J. Most.—Peste religiosa	$50
João P. do Rio Definições sociais	$50
Horas anárquicas (versos)	$50
•••—Carnet de Pensamento	$20
J. Bakunine. — O sentido em que somos anarquistas	$50
Chueca.—Como não ser anarquista.	$50
B. Lazare.—A Liberdade	$50
J. Etr vant.—A minha defesa	$50
Kropotkine Os bastidores da guerra	$30
Moral anarquista	$50
O espírito revolucionário	$50
O estado e o seu papel histórico	1$50
J. Guedes.—Lei dos Salarios	$50
Briand.—A greve geral	$50
Roland.—Russia Nova	$50
••• O sindicalismo e os intelectuais	$50
D. Carvalho.—A gestão sindical no periodo revolucionário	$50
A. Hamon.—A crise do socialismo	$50
J. Santos. — A transformação da sociedade	$50
Neno Vasco Georgicas	$30
Greve de inquilinos, teatro	1$00
••• Proletariado Histórico	1$00
G. Archinof. — A Revolução social e o Sindicalismo	$50
Carlos Rates.—A ditadura do proletariado	1$00
Emilio Chapelier—Porque não creio em Deus	1$00
Rodolfo Rocker.—O sindicalismo revol. e a organização operária	1$00
Trostky.—Constituição politica da República dos Sovietes	$50
G. Williams.—O Congresso da Internacional Sindical Vermelha	1$00
C. de G. O. N. M.—Procriação consciente	$50
José Torralvo.—La Revolucion.	1$50
Lélio O. Zeno.—Problemas universitários	2$00
La Revista Blanca.—Arte, Sciência e Literatura. Cada número.	1$50

LA NOVELA IDEAL

Acaba de chegar o n.º 34 desta revista intitulado *El otro amor* de Federica Montseny. — Preço, $50. — Pedidos à administração de *A Batalha*

O ex-grande pensionário parecia hesitar já no projecto quando entrou no gabinete a sr.ª de Witt.

—Meu amigo, disse ela ao marido, entregando-lhe um papel que trazia na mão, um dos guardas da cadeia veiu trazer esta carta de Cornelio. O homem afirma que esta carta é muito urgente, e espera a vossa resposta. Diz ele que reina hoje uma certâ agitação na Haia, e que por isso, no caso de quererdes ir à castelania, o melhor seria ir pela rua de Borlek, que é fechada, e pela travessa do Viveiro, que também é fechada, e de que êles tem as chaves; mas pretende que é preciso que vos não demoreis nada.

João de Witt pegou na carta, leu-a e disse:

—Diz meu irmão que me quere falar imediatamente.

—E' uma cilada! exclamou logo Serdan. Já vos não lembrais de que Cornelio não pode escrever? Crime e traição!

—Mas porque é que êle não pode escrever? preguntou a sr.ª de Witt, não sabendo ainda que o cunhado tinha sofrido a tortura.

A' pregunta da sr.ª de Witt seguiu se um triste silêncio depois do qual disse o sr. de Tilly:

—Minha senhora, vosso cunhado tem um abcesso num dedo, e não pode pegar na pena.

—Maria, disse João à mulher, dá-me a capa, as luvas e a espada.

A sr.ª de Witt foi buscar o que lhe pedira o marido. Assim que se viram sós, os srs. de Tilly, Serdan, Salaún e Nominoé Lebrenn exclamaram apavorados;

—Renunciai ao vosso projecto! Vós não podeis ir à prisão, pois equivaleria a ir ao encontro da morte!

—A carta é falsa. Foi uma cilada que vos armaram, com a cumplicidade do carcereiro.

—Primeiro do que tudo, disse João de Witt aos amigos, vêdes o que me manda dizer Cornelio.

E o ex grande pensionário da Holanda começou a ler a seguinte carta:

«Meu caro irmão:

Vejo-me obrigado a pedir a um extranho que escreva em meu nome esta carta para vós. Peço-vos que venhais, sem perda dum momento, à castelania, onde é indispensável a vossa presença.

Um dos carcereiros, que me é dedicado, vos guiará por um caminho escuro onde não encontrareis ninguem.

Vinde, e sem demora, peço-vo-lo encarecidamente.»

—Traição! repetiu Serdan. Torno a dizer-vos que isso não passa duma cilada em que vos querem apanhar. E' uma infâmia dos orangistas!

—Cornelio ouviu da prisão os gritos de morte proferidos pelo povo contra vós e contra êle, disse o sr. de Tilly. A cada instante se receia que o povo furioso invada a prisão... e era exactamente nesta ocasião que vosso irmão vos ia mandar chamar?!... Não, não pode ser. E' uma cilada que vos querem armar... é uma traição!...

—E se não fôsse...? E se esta carta tivesse sido realmante ditada por meu irmão? Se, moribundo em conseqüencia da tortura, Cornelio quizesse morrer nos meus braços?... Se êle espera a minha presença como uma suprema consulação... Devo eu hesitar em cumprir um dever tão sagrado?... Não! Nunca!

Acabava apenas João de Witt de pronunciar estas palavras, quando entrou a sr.ª de Witt com as duas filhas, Inés e Maria, uma de treze e outra de quinze anos de idade; elas traziam o manto e a espada do pai.

Os seus rostos cândidos e risonhos apresentavam um tão pungente contraste com os perigos de que estava ameaçado o pai, que as testemunhas desta scena se sentiram dolorosamente impressionadas.

—Pai, disse Maria dando a capa a João de Witt e ajudando o a po-la aos ombros, já que vais ter com nosso querido tio a essa maldita prisão, de que êle, sem dúvida, vai sair brevemente, dize-lhe que, mesmo ausente, o temos sempre presente nos nossos corações.

—E' melhor outra coisa, pai! disse alegremente Inês entregando-lhe a espada. O melhor é que no-lo tragas contigo. Entretanto, dá-lhe por mim este beijo...

—E este por mim! disse Maria, beijando também o pai.

João de Witt, por um esforço sôbrehumano, dominou a sua perturbação, respondeu com ternura às caricias das filhas e beijou-as carinhosamente.

Depois, dirijindo-se à mulher, disse:

—Adeus, minha fiel amiga, valente companheira dos meus dias de adversidade!... Adeus!... Espero trazer-vos em breve melhores noticias de meu irmão...

Depois saiu, seguido pelo sr. de Tilly, Salaún Lebrenn e o filho.

—O resto pertence à sorte! disse em voz baixa o sr. de Tilly aos seus amigos, enquanto João de Witt descia a escada. Segui-o, velai por êle... Tenho o meu cavalo aqui perto; vou tomar o comando da minha companhia... e havemos de defender até à última as proximidades da prisão...

—Contai connosco, respondeu Serdan. Faremos o que fôr possivel a três homens enérgicos e resolutos... Oxalá que possamos salvar João de Witt, porque a salvação dele é a salvação da Republica!

A TRAIÇÃO DE LUÍS XIV E A MORTE DOS IRMÃOS DE WITT

Perto do palácio onde se reüniam os Estades gerais da Republica das Sete Provincias Unidas havia uma vasta construção enegrecida pelos anos, flanqueada de torrinhas e atravessada por estreitas janelas com grades de ferro. Esta antiga castelania servia então de cadeia. No frontespicio desta casa havia uma porta ogival com um alpendre, separada da praça de Buytenoff por uma grade fechada, diante da qual formava em batalha a cavalaria do sr. de Tilly.

Até então tinham estes cavaleiros, pela sua valentia e pelo seu sangue frio, impedido o povo de invadir a prisão em que estava Cornelio de Witt.

Os grupos tumultuosos que pouco antes vociferavam contra o *partido francês* estavam então silenciosos e atentos, à roda de alguns cidadãos da Haia, que liam e comentavam cartas recentemente chegadas das províncias invadidas pelos soldados de Luís XIV.

Tornou-se notável, entre estes fogosos oradores, um rico ourives da Haia, chamado Henrique Weroëff, que até àquela ocasião tinha sido um dos membros mais entusiastas do portido francês. Este homem fez tribuna duma carroça desamparada que para ali estava. Quando, porém, a multidão o reconheceu, e lhe ouviu dizer que também queria falar, uma imensa gritaria lhe abafou a voz. Ele tinha uma carta na mão, e, com um gesto de súplica, pediu silêncio e bradou:

—Meus amigos!... Enganado e atraiçoado como tantos outros, pertenci até hoje ao partido francês... mas venho penitenciar-me e declarar, perante Deus e os homens, que os irmãos Witt, chefes desse partido, merecem a execração pública... Cumplices ou joguetes de Luís XIV, eles são responsáveis pelas horrorosas atrocidades que as tropas dêsse rei infâme cometem nas nossas províncias!... Ouvi a leitura desta carta que recebi esta manhã dum parente meu, que mora em Bodegrave. Ei-la...

E começou a lêr:

«Meu caro amigo:

Escrevo-vos a tôda a pressa. Devo a vida a um acaso milagroso. Os nossos dois burgos Swamerdan e de Bodegrave, compostos de seiscentas casas cada um, acabam de ser reduzidos a cinzas pelas tropas do rei de França, excepto uma propriedade que o acaso salvou do incêndio. Os soldados trataram principalmente de destruir os templos protestantes, nenhum dos quais foi poupado; as escolas, a casa onde se administrava a justiça, tudo foi entregue às chamas. Os soldados, para praticarem estes odiosos actos, tinham trazido de Utrecht archotes e materias combustiveis. Aqui está o que eu vi... Fechava-se pai, mãe e filhos dentro duma casa, à qual em seguida se largava

A BATALHA

A crise capitalista em França é causa do mau estar económico.

Os escritores, os filósofos e os homens de sciência contra a mentira e a depravação da religião católica

«Tendo saído o Filósofo, os discípulos preguntaram o que tinha êle querido dizer. *Tseu-Tseu* respondeu-lhes: «A doutrina do nosso mestre consiste únicamente em termos a rectidão do coração e em amarmos o próximo como a nós mesmos».

«Não ofereçais mais sacrifícios em vão: o incenso, para mim, é abominação... A minha alma aborrece as vossas calendas e solenidades... Quando estenderdes as vossas mãos apartarei de vós o meu olhar; quando multiplicardes as vossas orações não as atenderei...

Eis aqui a penitência que me agrada: rompe as algêmas da iniqüidade, desata os laços que deprimem, deixa ir livres os prisioneiros...»—*Isaías*, cap. I, v. 13, 14, 15; cap. LVIII, v. 6.

«E eu reconheci que nada havia melhor do que alegrar-se o homem nas suas obras.» —«Eclesiastes», III-22.

«Conheci logo que os poetas não são guiados pela sabedoria, mas por um entusiasmo semelhante ao dos profetas e dos quiromantes que dizem coisas muito belas, mas sem compreenderem o que dizem... Graças à poesia, julgam-se os mais sábios dos homens em todas as outras coisas, embora não entendam nada... Persuadido que estava acima dêles, bem como acima dos políticos, abandonei-os.»—*Platão*, «Oeuvres complètes», tomo I, pág. 61.

«Vai, meu filho, para onde vão todos aqueles que trabalham pela segurança dos povos, aqueles cuja palavra é a voz da verdade.»—*Ramaiana*, trad. de Hippolyte Fauche, pág. 71.

«Infelizes homens que atribuíram todos os efeitos à divindade, que armaram duma cólera inflexível! Quantos gemidos, desde então, ela lhes não custou! Quantas queixas nos tem feito! Que fonte de lágrimas não abriram aos nossos descendentes!—*Lucrécio*, «De Natura Rerum», liv. V, vers. 1195-1196.

«*Fallit te, incautum, pietas tua*».—*Virgílio*, (cit. de memória).

«—E's tu dotado de razão?
—Sim.
—Então porque te não serves dela?
E se funciona como deve, que pretendes tu mais?»—*Marco Aurélio*, «Pensées», liv. IV, cap. XIII.

«Devemos ter cautela com tudo o que se refere a religião. De todos os êrros, o mais perigoso é o êrro divinizado».—*Bacon*, «Bréviaire des éducateurs», pág. 175.

«Resta-nos examinar se há direito de recorrer à ilusão para estabelecer o império da Justiça e da Verdade; se temos ganhado muito em o fazer e quais os meios empregados para o conseguir. Não nos será difícil provar que a religião não é mais útil aos costumes e à legislação do que à produção da chuva e do bom tempo: logo, não é precisa».—*Dupuis*, «Origine de tous les cultes, ed. de 1834, pág. 388.

«Um povo que acredita poder existir um homem que represente imediatamente Deus, um homem que nunca pode errar, um tal povo é, sem dúvida, um povo estúpido... Sucede que esta primeira geração de homens acreditará no papa por medo, seus filhos por hábito e seus netos por estupidez».—*Alfieri*, «De la tyrannie», ed. da Bibliot. Nacional, pág. 68.

«A divindade é, muitas vezes, um dos mais firmes esteios da tirania.»—Idem, idem, pág. 64.

«A sciência é a luz do entendimento, o guia da verdade, a companheira do bom senso».—*Bossuet*, «Bréviaire des Educateurs», pág. 183.

«As sciências positivas rejeitam a idea de um Deus Criador, porque elas não verificam em todo o universo um único facto que mostre ou suponha uma criação... As sciências modernas bateram em brecha a idea católica de Deus».—*C. Burnouf*, «Le Catholicisme Contemporain», págs. 385 e 456.

«O homem fez Deus à sua imagem.»—*Voltaire*, «Dict. Philosophique», vocábulo «Ange».

«Tirai a um cristão o receio do inferno e tirar-lhe heis a sua crença».—*Diderot*, «Melanges Philosophiques», pág. 111.

«Quando os povos se lembraram de pôr Deus a falar, cada um o levou a falar a seu modo, fazendo-lhe dizer o que quis».—*J. J. Rosseau*, (cit. de memória.)

«Se eu tivesse de pintar a estupidez vaidosa, pintaria um pedante ensinando o catecismo às crianças; se quisesse tornar uma criança louca, obrigá-la-ia a explicar o que diz, quando repete o catecismo.»—*J. J. Rousseau*, «Emile», p. 160.

«Pois quê! êsse Deus que eu adoro e que tantas vezes tenho invocado na miséria e com o coração lacerado, não será mais que uma idea da cabeça do homem?»—*P.e Didon*, «Sciência sem Deus», trad. portug., pag. 74.

«Quem é o Deus a que oferecemos o nosso sacrifício?»—«Vedas», x, 121 (Trad. de Max Müller).

«E' a sombra da consciência projectada sôbre o campo da imaginação.»—*Proudhon* (Vid. Larousse, vocáb. «Dieu».

«*Deum nemo vidit unquam.*»—«Evangelho segundo João», cap. I, vers. 18.

«Deus nasceu nos bosques. A floresta é o berço do mundo... Os ares, os astros e os sonhos povoaram-se de espíritos... e o homem passou a crer que dependia dêles: temeu-os, adorou-os... Os deuses são os aspectos da Inconsciência.»—*Oliveira Martins*, «Sistema dos Mitos Religiosos», 2.ª ed., pag. 23 a 28.

«Enquanto os clérigos dominaram na Europa, a barbaria foi completa e a evolução scientífica nula ou quási!... A Reforma deu novas armas à razão, lutando contra a fé; depois veiu Descartes e a dúvida filosófica, em seguida o século 18.º e as suas prodigiosas conquistas em proveito dos conhecimentos humanos.»—*Le Dr. Clavel*, Morale Positive», pag. 32.

«Há muito que a humanidade se inspira num Deus sem filosofia; é tempo dela se inspirar numa filosofia sem Deus.»—*Sebastian Faure* (Cit. de memória).

«Cap. CLX—*Toda a moral é incompatível com as opiniões religiosas.*—... E' preciso, à moral, uma base menos instável que o exemplo de Deus, cuja conduta varia e a quem só poderemos chamar bom fechando obstinadamente os olhos sôbre o mal que a cada instante êle faz ou permite no mundo. —«Le Bon Sens du Cure» J. Meslier, ed. de 1830, pags. 219 e 220.

«Para os apaziguar (aos deuses) o homem sacrificou-lhes todas as suas comodidades: cercou-se de privações e derrubou as leis da natureza! Tomando os prazeres por crimes, os sofrimentos por espiações, quís amar a dôr e abjurar o amor de si próprio; perseguiu os seus próprios sentidos, detestou a sua vida; e uma moral de renúncia e anti-social, mergulhou as nações na inércia da morte... Apaixonado por um mundo imaginário, o homem desprezou o da natureza; por esperanças quiméricas, desprezou a realidade... O' mortais crédulos, e todavia, teimosos! Nenhum de nós está bem certo do que ontem se passou, do que se passa hoje mesmo à nossa vista, e juramos sôbre o que se passou há seis mil anos!»—*Volney*, «Oeuvres complètes», pag. 23 e 42.

«No apogeu de cada raça civilizada encontraram-se, em todos os tempos, homens de alta inteligência e duma cultura superior, que não professavam culto algum e que negavam os deuses do seu tempo, sem que tivessem necessidade de criar outros.» —*Clémence Royer*, «Origine de l'Homme et des Societés», pag. 84.

«... Laplace... Galileu... Newton... Leibnitz, demonstrando a perpetuidade da fôrça viva, fizeram do mundo uma máquina que se bastava a si própria, e em que um Deus só podia lançar a desordem... Em todas as épocas, Deus tem sido a soma das ignorâncias do homem...

«Como ousam acusar a sciência de fazer bancarrota ao fim dum século em que ela conseguiu renovar a face do mundo e criar uma nova humanidade; em que alargou a astronomia até ao infinito, criou a geologia, refez a história, ressuscitou as humanidades desaparecidas; em que deu ao homem estes auxiliares poderosos e dóceis que são o vapor, o ar comprimido, a electricidade; em que chegou a transmitir o pensamento pelo telégrafo, a palavra pelo telefone, a registar o canto pelo fonógrafo?»—Idem, «La Constitution du Monde», pag. 7.

«Jámais estas leis são perturbadas pela vontade do sêr imaginário, chamado Deus, que não tem lugar num universo autónomo na sua perenidade... O Universo é uma república de seres incriados e indestrutíveis.»—Idem, idem, pág. 787.

«O enfraquecimento gradual do instinto religioso permitirá que se consagre ao progresso social uma multidão de fôrças distraídas até aí e desviadas pelas preocupações místicas.» — *Guyau*, «L'Irréligion de l'Avenir», pág. 195.

«O triunfo do catolicismo foi, para a Espanha, um imenso recuo... A Andaluzia era, no século X, sob o califa Halem, o país melhor cultivado e o mais feliz de toda a terra.» —*E. Reclus*, «L'Homme et la terre», vol. 111, pág. 462.

«Uma nova fôrça entrou no mundo: a que dá o conhecimento do número e da medida, trazendo consigo um maior equilíbrio moral... A evolução em que a humanidade se encontra actualmente empenhada, criou uma oposição bem definida, uma guerra sem quartel entre a sciência, isto é, a busca objectiva da verdade e o conjunto dos sentimentos, das crenças e das sobrevivências fetechistas que se chamam religião... Actualmente apenas a religião apela para Deus como revelador de toda a verdade, emquanto que a sciência, tendo cortado o ponto que ligava o Homem ao Desconhecido, procura a verdade únicamente na observação da natureza, verificada pela experiência e por ela guiada de hipótese em hipótese. Não há mais conciliação possível entre as duas hipóteses do saber, uma adquirida sem esfôrço, por um simples dom do céu, a outra conseguida por um trabalho incessante, por um esfôrço que se prossegue até à morte. E' preciso que uma ceda à outra, podendo já prevêr-se a qual das duas pertence a vitória... A religião, tomada no seu sentido ordinário, deve ser considerada apenas como um conjunto de sobrevivências a classificar num museu de antiguidades.»—*Elisée Reclus*, «L'Homme et la Terre», vol. VI, pág. 387.

«A arte da educação, como todas as outras, é de invenção pre-humana.

Em todas as conquistas do espírito, o homem foi precedido pelos animais; todas as vezes que ela se desvia do exemplo recebido, segue um caminho errado.»—Idem, idem, pág. 434.

«Para onde iremos nós, se um tal espírito continua a animar os nossos professores primários?»—*E. Zolá*, «Vérité», pág. 110.

«Sentai-vos, meninos. Não estais aqui para dizer orações. Di-las heis lá em casa, se vossos papás e mamãs o desejarem.»—Idem, idem, pág. 204.

«Toda a verdade revelada é uma mentira; a única verdadeira, una, inteira, eterna, é a verdade experimental.»—Idem, idem, pág. 212.

«E' o catolicismo que eu combato, a imbecilidade do seu ensino, a hipocrisia da sua prática, a perversão do seu culto e a sua acção mortífera sôbre a criança, sôbre a mulher, o seu estrago social.»—Idem, idem, pág. 375.

«A história da humanidade é a duma laicização progressiva, que está ainda longe de ser completa... As próprias religiões tendem a laicizar-se, como as sciências. Desde três séculos apenas, a alquimia transformou-se na química, a astrologia converteu-se na astronomia... Uma corrente invencível para a laicização arrasta completamente o pensamento humano.»—*Salomon Reinach*, «Orpheus», ed. de 1918, págs. 32 e 36.

Tomás da FONSECA

UM PROBLEMA GRAVE

Se não fôr revogada imediatamente a lei da pesca, a província do Algarve ficará transformada num cemitério

PORTIMÃO, 20.—A indústria piscatória é uma das grandes riquezas da província do Algarve. Devido há já longos meses ter desaparecido a sardinha da costa do Algarve, que esta província se vem debatendo com a mais horrível das misérias devido à falta de trabalho que em todas as outras indústrias se faz sentir. Sendo esta província marítima por natureza, é do mar que os seus filhos vivem, dando a indústria marítima vida a outras indústrias como seja a de conservas, que no Algarve é a mantenedora de centenas de milhar de famílias.

Como a costa fôsse rica em sardinha, nunca os marítimos e fabricantes de conservas julgaram, que esta um dia viesse a desaparecer por completo, pois era vulgar ouvir-se dizer que quanto mais sardinha se matava, mais havia; o resultado era os mestres dos cêrcos apanharem sardinha ovada e a chamada petinga, sardinhita imprópria para fabrico, chegando-se muitas vezes a lançarem ao mar barcos de petinga por não haver fabricantes que a comprassem.

Estes factos aliados à falta de fiscalização por parte das autoridades marítimas, deixando-se que as *parelhas* espanholas com as suas redes de arrasto viessem também contribuir para o afastamento do peixe da costa algarvia, era inevitável. O certo é que hoje existem centenas de milhar de famintos em todo o Algarve devido à falta de peixe.

Não obstante ter ido a Lisboa uma grande comissão de trabalhadores algarvios, reclamar dos poderes constituídos imediatas providências, apresentando uma representação em que indicava a maneira mais prática e mais rápida de debelar a terrível crise que assola toda a província, até hoje ainda não foram tomadas as mais pequenas providências.

A atestar o que afirmamos é que não obstante o ter sido nomeada uma comissão de estudo para vir ao Algarve estudar quais as causas do desaparecimento da sardinha, essa comissão foi a Lagos e, como apanhou bom vento, passou ao largo de Portimão a caminho de Olhão. Isto mostra que Portimão não está no mapa, ou que os seus habitantes não conheceram, até hoje, os horrores da fome.

Fomos levados a estas considerações devido ao facto de hoje o cêrco do Consórcio de Pescas L.da, ter apanhado dois lugres de sardinhita pequena, a qual no entender de técnicos abalizados, é a causa principal da grande falta de sardinha que há no Algarve.

Um dos mestres dos cêrcos do sr. Fialho, o sr. António Maçanita, filho, disse-nos que a falta de critério de certos mestres em apanharem sardinha daquele tamanho era flagrante. Como os protestos fossem bastantes e até junto da Capitania fossem protestar, mandou o sr. capitão do pôrto o cabo do mar sr. José Freitas fazer a medição do peixe. Medido êste, verificou-se que 45 °|₀ media de 5 a 8 centimetros, medindo o restante 55 °|₀ de 8 a 9 centimetros que é a medida que a lei manda. Mas como a lei diz que onde predomine sardinha com 9 centimetros que pode ser vendida, lá foi o peixe vendido a-pesar-dos protestos que de todos os lados choviam.

Para protestar contra êstes factos reüniu a Associação Comercial e Industrial, (Secção de Pescas), que apreciando a lei referente à pesca a achou insuficiente às necessidades da epoca. Por tal motivo enviou ao ministro da Marinha o telegrama seguinte:

«Costa cheia sardinha pequena imprópria fabricação, consumo. Cêrcos pescando-a causando grandes prejuizos criação pôrto. Rogamos proïbição pescar peixe dêste tamanho só permitindo pesca sardinha minimo doze centimetros.—*A Associação Comercial Industrial*».

No mesmo sentido enviaram telegramas ao ministro da Marinha os Sindicatos dos Estivadores e Artes Correlativas; Sindicato dos Fragateiros; Sindicato da Indústria de Conservas. Um grupo de mestres protestou junto da Capitania pedindo a revogação da lei de pesca e o defeso da desova da sardinha.

Oxalá que sejam tomadas nas devidas considerações as reclamações apresentadas.

Atrevemo-nos a pedir a todos os marítimos que evitem o pescar do peixe impróprio para fabricação e consumo, pois a continuar assim a risonha provincia Algarvia, transformar-se-há num vasto campo de fome e de pilhagem.

HORARIO DE TRABALHO

Na Granja

PRAIA DA GRANJA, 20.—Tem-se agravado consideràvelmente, nesta localidade, a crise na indústria de mobiliário.

A maioria das fábricas e oficinas conservam apenas um reduzido número de operários, mas prevê-se que mais serão ainda despedidos se a situação grave de momento não se modificar.

Por enquanto, nenhumas providências foram adoptadas para debelar o mal. Todavia, os industriais preparam-se para impôr o regulamento de 10 horas como única medida salvadora, sem pensarem que esta atitude maior miséria causará aos trabalhadores e que conseqüências graves podem daí resultar.

Na fábrica de Arcoselo continua vigorando o horário de 10 e meia horas

Por mais de uma vez temos nestas colunas chamado a atenção da Federação Têxtil para o facto de na fábrica de Tecidos de Arcoselo o pessoal ser obrigado a trabalhar 10 e meia horas por dia, contra o estabelecido pela lei das 8 horas, conquistada à fôrça de muitos sacrifícios.

As autoridades têm prestado uma escandalosa protecção à gerência da fábrica, cujos lucros aumentam consideràvelmente enquanto que os operários morrem de fome pelos exíguos salários que auferem.

Protestamos enèrgicamente contra essa infame protecção.

De resto, a maioria dos operários da fábrica de Arcoselo é constituída por menores do sexo feminino, o que se torna deveras revoltante.—C.

UMA BELA LIÇÃO OPERARIA

A organização operária de Lourenço Marques ressurge revigorada, após a longa série de perseguições e violências de Azevedo Coutinho

Narrámos, com grande cópia de pormenores, numa longa série de artigos e notas de reportagem, a longa série de violências levadas à prática pelo odioso [illegible] Vítor Hugo de Azevedo Coutinho durante o tempo em que foi Alto Comissário em Moçambique, violências exercidas contra as classes trabalhadoras e, principalmente, contra a classe ferroviária pela galharda energia com que defendeu seus interesses menospresados e sua dignidade ofendida.

Todas essas violências resultaram inúteis. A organização operária de Lourenço Marques como a Fénix da fábula ressurge das próprias cinzas, aparecendo com a sua vitalidade revigorada provando assim que as violências dos de cima têm um unico mérito: aumentar a energia, a coragem, a consciência e a solidariedade dos de baixo. Passamos a reproduzir gostosamente o seguinte relato extraído do jornal *O Emancipador* de Lourenço Marques, de 26 de Junho p. p.

«Depois da série enorme de violências praticadas pelos governantes contra ferroviários e não ferroviários, julgaria muita gente que o operariado havia ficado esmagado e que tão cêdo não haveria organização operária em Lourenço Marques.

Enganaram-se. Depois das violências sofridas a reacção tinha que dar-se. E deu-se logo que a fúria das perseguições abrandou, não havendo uma reacção revolucionária e enérgica, antes, devido a estarmos numa colónia distante, o meio operário ser pequeno, e haver a natural fadiga derivada de uma luta de meses, que exauriu as melhores energias e roubou às massas os mais experimentados e enérgicos elementos.

A reacção deu-se, pois, serenamente, começando pela reclamação da posse da Casa dos Trabalhadores, reünindo-se para isso no dia 30 de Maio findo uma assemblea para eleição dos corpos gerentes e de uma comissão para reclamar a entrega da casa.

Os corpos gerentes (além dos vogais natos) ficaram assim constituídos:

Direcção, efectivos: Manuel J. de Sousa Amorim, Joaquim Guimarães Lourenço, Ernesto de Morais; suplentes: Raúl Simões, Mário Teixeira da Silva, José da Costa Balaia. Conselho fiscal, vogais: António Vieira, Leopoldino Martins Sistelos.

A comissão para reclamar a entrega da Casa dos Trabalhadores ficou composta dos seguintes camaradas: Domingos Torres, Manuel Alves Cardiga, António Vieira, José da Costa Balaia.

Esta comissão reclamou imediatamente a posse da Casa dos Trabalhadores, que foi entregue no dia 1 de Junho, pelas 11 horas e meia, verificando-se a falta de vários artigos de vestuário e mobiliário, que vão reclamar-se do govêrno por meio duma acção de indemnização por perdas e danos.

Foi êste o primeiro passo para o acordar das energias operárias. Logo a seguir, foi feita a convocação de todas as classes e organizações para o dia de domingo, 6 de Junho.

* * *

Como foi anunciado na imprensa e nomeadamente em um número único de *O Emancipador Liberto*, realizaram-se no citado domingo, 6, na Casa dos Trabalhadores, as assembleas do Pessoal do Porto e C. F. L. M., Operários da Construção Civil, accionistas da Casa dos Trabalhadores e accionistas e amigos de o *Emancipador*.

Exceptuada a da Construção Civil, que se reüniu numa sala àparte, as outras três realizaram-se sucessivamente, substituindo-se apenas as mesas directoras dos trabalhos.

A concorrência foi mais que regular, predominando o elemento ferroviário, havendo na sala dos que estão ao serviço, dos que estão mobilizados e dos que foram dispensados.

Presidiu João Borges, que desta forma regressa à actividade associativa, de que andava afastado.

Na ordem dos trabalhos resolveu-se, em vez de corpos gerentes, eleger apenas uma Comissão Administrativa de três membros, que ficou constituída por João Maria Borges, Bernardino Ribeiro Marques e Hernani Lourenço. Por deliberação da assemblea esta Comissão Administrativa acumulará com as suas as funções de Comissão de Assistência aos ferroviários desempregados e presos, agregando os elementos que entender.

Foi proposta em seguida a organização da *Comissão de Démarches* para tratar da reintegração de todos os ferroviários e regresso dos deportados e expulsos da Provincia, ficando esta constituida, entre aclamações e palmas, pelos antigos ferroviários, hoje aposentados, Carlos Humberto da Graça, António Marcelino Viana e Eduardo Franco Martins.

A parte final da assemblea, esgotada a ordem dos trabalhos, foi um hino de louvores a todos que coadjuvaram e acarinharam os ferroviários durante o seu movimento, ficando exarados na acta votos de agradecimento e louvor ao Comércio, à Indústria, à população, à imprensa que defendeu o movimento e a todas as entidades que prestaram o seu concurso e valioso auxilio aos grevistas sendo especialisados o sr. comandante José Cardoso, o sr. dr. Carlos Temudo, o sr. Mendes, de Tenga, Nascimento Ornelas e diversos elementos operários, exarando-se na acta um voto de pesar pela morte do ex-ferroviário Raúl Ferreira.

Também se resolveu enviar telegramas à Confederação Geral do Trabalho, à *Batalha*, aos srs. generais Gomes da Costa e Massano de Amorim, à Federação Ferroviária de Portugal, à Federação Ferroviária Sul-Africana e aos deportados de Moçambique, abrindo-se uma quete entre os presentes, que rendeu 1.168$80 e 6 libras para a remessa dêsses telegramas, deliberando-se que o que sobrasse fôsse entregue aos ferroviários presos.

A assemblea, que decorreu com muita animação, terminou com vivas calorosos à classe ferroviária, à C. G. T. e outras.

Os telegramas enviados foram os seguintes:

«A Batalha», Federação Ferroviária e Confederação Geral do Trabalho:

«Primeira reünião ferroviária depois greve saüdam-vos defesa nossa causa. Pedimos auxílio nossas pretenções junto Ministro Colónias conforme telegrama enviado nesta data, reintegração todo pessoal, regresso deportados, amnistia imprensa.—Associação».

Manuel Joaquim da Silva, Nuno Pedro e Zwinglio Peres, deportados em Moçambique:

«Ferroviários reünidos assemblea aprovaram voto saüdação vítimas greve resolvendo pedir Govêrno Central reintegração todos.—Associação».

General Massano de Amorim:

«Associação ferroviária pede vossa excelência interferência junto Ministro apoiar reclamação enviada hoje telégrafo contra cerceamento garantias anteriores concedidas vossa excelência.—Associação».

Ministro das Colónias:

«Associação ferroviária pede vossa excelência reintegração todo pessoal despedido motivo greve. Regresso todos deportados Lisboa, Moçambique, India, enviando associação relatório elucidativo factos. Pede amnistia delito liberdade imprensa.—Associação».

CRISE DE TRABALHO

Em Peniche

PENICHE, 20.—Nesta localidade existem algumas fábricas em laboração, que não tratam senão de explorar os desgraçados, que têm a desdita de cair debaixo do seu jugo. Assim, na fábrica de conservas de Benito Garcia Limitada, reduziram-se os salários aos trabalhadores em 2 escudos por semana, e sem prévio aviso. Só ao sábado quando vão receber a féria é que dão pela falta, e é que no escritório lhe dizem: «Você teve esta semana 2 escudos por dia de abatimento!!! Também na sociedade de conservas Mercantil se exerce a mesma tirania e a fábrica de José Gaio da Silva que esteve fechada bastante tempo queria agora qur os soldadores para lá fôssem com a redução de 4$50 por dia porque estando nêsse tempo ganhando 12$50 diários ou sejam 375$$ por mês agora só lhes dá 8 escudos e não garantindo o trabalho, isto é: só quando precisasse dos seus serviços.

Agora temos uma firma que alugou a fábrica à firma Ramalhete, Limitada que vai pôr a dita em laboração, mas de empreitada. Sabem como? A 1$50 cada cento de latas. Ora vejam o arrôjo que êstes tartufos têm de vir do Algarve para Peniche fazer esta exploração. No Algarve o mais barato hoje é de 4 escudos por centode latas.

Alguns camaradas apesar do que referimos, estão ali a trabalhar. O primeiro dêles é Luís Fernandes Califórnia que já teve o lugar de secretário administrativo do Sindicato de Indústria de Conservas, e outros que estão indigitados para irem para lá.

Os operários não se importam do seu sindicato estando, porém, um só a arrostar com todo o trabalho e nem sequer os outros pagam as suas cotas deixando talvez breve de existir o sindicato por não haver fundos nem para a renda da casa.

Trabalhadores de Peniche: acordai dêsse letárgio em que vos encontrais e uni fileiras para tratardes das vossas reivindicações e fazerdes frente aos vossos verdugos que não têm escrúpulos em vos lançar e a vossos filhos na mais negra miséria.

Operários da construção civil

A comissão delegada do S. U. da Construção Civil entrevistou ontem o administrador dos Edifícios Públicos sôbre a situação dos operários da obra do Congresso da República. Respondeu aquele senhor que não podia dar andamento ao assunto sem que o *Diário do Govêrno* publicasse matéria que lho permitisse.

Dirigiu-se a comissão à Imprensa Nacional onde a informaram de que a referida publicação saíra ontem, o que comunicou imediatamente ao referido administrador.

A mesma comissão avistou-se também com o director dos Edifícios Públicos sôbre a abertura das obras do Estado e entrada dos operários e ficou de voltar a avistar-se com a mesma entidade para tratar das Casas Económicas da Ajuda.

Uma injustiça na cooperativa "A Social"

Voltaram a procurar-nos alguns operários da fábrica da rua Guilherme Braga da Cooperativa de Chapeleiros «A Social» a fim de contestarem vários pontos da carta ontem publicada sôbre o assunto e assinada por alguns membros da direcção da referida cooperativa.

Como não desejamos que discussões desta natureza se eternizem sem resultado prático nas colunas do nosso jornal, rogamos à direcção da dita cooperativa a fineza de passar por esta redacção munida da documentação precisa a fim de em conjunto apreciarmos o assunto.

A reünião é às 17 horas precisas.

Tribunal de Desastres no Trabalho

Realizaram-se ontem neste tribunal as seguintes tentativas de conciliações:

José da Luz, servente, da pedreira de António Tavares, conciliados; Manuel Simões Júnior, manufactor de calçado ao serviço de António Lourenço, conciliados; Esmeralda de Jesus, operária da firma Silva e Saldanha, conciliados, recebendo a sinistrada a pensão mensal de 5$66; Jerónimo dos Santos Aguas, ajudante de «chauffeur», réu a Companhia Lex, o sinistrado vai ser submetido a exame médico; Ana de Jesus, viúva de José Maria, pescador de bacalhau, falecido no Hospital Saint-Pierre et Miquelon, réu a Companhia de Seguros Aliança Seguradora, segue para julgamento; Delfina Pisco, mãe do sinistrado Ernesto Ferreira, falecido por ser colhido por um veio de transmissão na fábrica de Francisco Roque Júnior, segurado na «Mundial». Segue para julgamento, por o réu declarar que a alimentação da mãe não estava a cargo da vítima.

Vida Sindical

Câmara Sindical do Trabalho DE LISBOA

Reúne-se hoje, pelas 21 horas, o conselho geral, para continuação dos trabalhos.

CONVOCAÇÕES

REÚNEM-SE HOJE:

Federação Metalúrgica—Pelas 20 e meia horas, o conselho federal.

Federação de Couros e Peles—Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

Barbeiros—Pelas 21 horas a assemblea magna, a-fim de se tratar do descanso dominical e do horário de trabalho.

Federação da Construção Civil—Pelas 21 horas, a comissão revisora de contas.

Sindicato Mobiliário—Pelas 21 horas, a assemblea geral, em segunda convocação, assunto urgente.

Sindicato Metalúrgico—Pelas 21 horas, a comissão administrativa.

JUVENTUDES SINDICALISTAS

Federação—*Comité Federal*—Reúne-se hoje, pelas 20 e meia horas, juntamente com a comissão editorial.

Núcleo de Lisboa—Reúne-se àmanhã, pelas 21 horas, com a ordem de trabalhos já publicada.

Secção de Belém—Reúne-se hoje, pelas 21 horas, o secretariado.

Um protesto de munícipes contra as extorsões da Companhia Carris

A propósito dos novos acôrdos com a Companhia Carris de Ferro, firmados e confirmados pela Câmara Municipal, uma comissão de munícipes foi ontem entregar à vereação uma representação em que se protesta contra os abusos praticados pelo poderoso sindicato. Essa representação é redigida nos seguintes termos:

«Corre no público e deve ser verdade que, nos últimos 3 anos, principalmente, entre a Câmara e a Companhia Carris de Ferro fizeram-se acôrdos, conchavos e contratos tão ruinosos e nocivos aos munícipes, e vergonhosos para a cidade que nunca se publicaram para evitar ruidosos e merecidos protestos.

Estes crimes não podem continuar na sombra e envoltos em mistério.

Urge que se publiquem para se saber em que mãos estiveram os negócios Municipais, se os Vereadores eram mercenários estipendiados pelo sindicato de Santo Amaro, se o subôrno e o pecuiato assentaram arraiais nos Paços do Concelho.

Agora que se inaugura uma nova era de Administração, vimos pedir a publicação de todos êsses acôrdos, conchavos e contratos, para que a cidade conheça que era considerada e tratada como roupa de franceses pelos vereadores e pela Companhia Carris assediados e conluiados, e que a comissão administrativa envide os seus esforços para anular quanto de prejudicial para os habitantes de Lisboa se haja estipulado, em combinações que serão eterno opróbrio de vereações incompetentes, imbecis ou venais que, para distraír as atenções dos atentados contra a cidade, inventaram festas e mais festas, enquanto que no segrêdo das secretarias, firmavam criminosamente contratos leoninos em proveito da Companhia Carris enfeudando-lhe Lisboa, ampliando-lhe o monopólio, esses feros jacobinos que prègavam contra os monopólios.

Basta dizer que, dos cinco contratos entre a Câmara e a Carris, nem um só está de pé!

A Câmara cedeu ou abdicou de *todos os seus direitos* e direitos apenas tem agora a famosa Companhia hoje estrangeirada.

E vergonha das vergonhas! Esta Companhia tem à sua frente dois oficiais do exército português fabulosamente assoldadados e sempre prontos a assaltar os interesses da cidade e a bôlsa dos munícipes, por conta e ordem de estrangeiros.

Estas imoralidades têm de acabar e é tempo de pôr termo às scenas de baixo império que temos presenciado, aos escândalos que esmaltaram e destinguiram as vereações passadas e que o público se convença que dora avante a Carris não tem mais caixeiros nos Paços do Concelho, que era um balcão de negociatas sujas.»

O sr. Vicente de Freitas declarou que ia enviar o documento ao seu colega, sr. Quirino da Fonseca, do Pelouro de Engenharia, para estudar o assunto e emitir o seu parecer, a-fim-da comissão resolver depois.

História Universal del Proletariado

«Veinte siglos de opresion capitalista»

Esta publicação em língua espanhola que se encontra à venda na nossa administração, é o relato histórico, documentadíssimo e detalhado das lutas originadas pela desigualdade social que, sob formas diversas e variados sistemas, perdura desde os primeiros alvores da civilização.

Cada fasciculo de 48 páginas. 1$00; pelo correio, registado, 1$50.

Estão publicados os seguintes fasciculos:

1.º—«La era de la esclavitud»;
2.º—«La rebelión de Espartaco»;
3.º—«Abolición de la esclavitud»;
4.º—«Abyeccion y Servidumbre»;
5.º—«La revolución de los siervos»;
6.º—«La miseria de los agricultores»;
7.º—«Transformacion del Poder Feudal»;
8.º—«El comunismo cristiano»;
9.º—«Los miserables en la Edad Média»;
10.º—«La libertad ilusória»;
11.º—«La agonia del absolutismo»;
12.º—«El trabajo motor universal»;
13.º—«El impulso de la guilhotina»;
14.º—«Las ideas sociales y la revolucion francesa».

"A Batalha" vende-se em tôdas as tabacarias